

ELIETE MARIA DOS SANTOS DOMINGOS

# **ESPAÇOS VERDES e SAÚDE**

PROJECTO de Mestrado em Arquitectura Paisagista sob a orientação de:

Professora Doutora Jacinta Fernandes

Professor Doutor Ricardo Canas



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**2023**

## **ESPAÇOS VERDES e SAÚDE**

Mestrado em Arquitectura Paisagista

### **Declaração da Autoria do Trabalho**

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito.  
Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e contam da listagem de referências incluída.

ELIETE MARIA DOS SANTOS DOMINGOS

---

(Assinatura)

### **Direitos de cópia ou Copyright**

© **Copyright: Eliete Maria dos Santos Domingos**

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO.....	ii
ABSTRACT.....	iv
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO.....	1
1.2. OBJETIVOS DO ESTUDO.....	3
1.3. ABORDAGEM METODOLÓGICA E ESTRUTURA DO RELATÓRIO.....	4
2. PORTIMÃO - COMPLEXO PORTUÁRIO E INDUSTRIAL.....	6
2.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-NATURAL E CULTURAL DA CIDADE DE PORTIMÃO.....	6
2.2 EVOLUÇÃO DA PAISAGEM DA CIDADE PORTIMÃO.....	8
3. ESPAÇOS VERDES URBANOS E SAÚDE.....	12
4. APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA DOS PÁTIOS DO CENTRO DE SAÚDE DE PORTIMÃO.....	16
4.1 ENQUADRAMENTO LEGAL.....	16
4.2 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	16
4.3 PROGRAMA E CONCEITO DE INTERVENÇÃO.....	23
4.4 MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA.....	24
4.4.1 Plano Geral.....	24
4.4.2 Pátio das Oliveiras.....	25
4.4.3 Parapeito das Murtas.....	31
4.4.4 Pátio das Laranjeiras.....	34
4.4.5 Pátio das Romãzeiras.....	40
4.4.6 Pátio dos Medronheiros.....	47
4.5 ELENCO FLORÍSTICO E MOBILIÁRIO URBANO.....	53
4.6 CORTES.....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

## Índice de Figuras

Figura 1.1 - Mapa do Centro de Saúde de Portimão.....	2
Figura 2.1 - Mapa da cidade de Portimão.....	6
Figura 2.2 - Vila Nova de Portimão, 1617 (Fonte: Alexandre Massai, Descrição e plantas da costa, dos castelos e fortalezas, desde o Reino do Algarve até Cascais, da Ilha Terceira, da Praça de Mazagão, da Ilha de Santa Helena, da fortaleza da Ponta do palmar na entrada do Rio Goa, da cidade de Argel e de Larache)......	7
Figura 2.3 - Imagem aérea do complexo portuário de Portimão (Fonte: <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Portim%C3%A3o">https://pt.wikipedia.org/wiki/Portim%C3%A3o</a> ).....	8
Figura 2.4 - Planta de evolução da cidade de Portimão, por zonas consolidadas (elaborado pelo autor)......	10
Figura 2.5 - Colégio dos Jesuítas ou Igreja da Misericórdia de Portimão (Fonte: Wikipédia)......	10
Figura 2.6 - Antigo mercado de peixe junto ao Rio Arade (Fonte: Portimão, 1993. A Indústria Conserveira na Construção da Malha Urbana no Algarve.).....	11
Figura 4.1 - Plano geral do centro de saúde de Portimão e localização dos espaços a requalificar - os pátios (a verde) (foto da autora)......	17
Figura 4.2 - Imagem do Pátio das Romãzeiras em 2021 (foto da autora)......	18
Figura 4.3 - Imagem do Pátio das Laranjeiras em 2021 (foto da autora)......	19
Figura 4.4 - Imagem do Pátio das Oliveiras em 2021 (foto da autora)......	19
Figura 4.5 - Imagem de pavimento e parapeito, com pedra rolada, do Pátio das Oliveiras em 2021 (foto da autora)......	20
Figura 4.6 - Imagem do parapeito exterior, paralelo ao pátio em U, em 2021 (foto da autora)......	21
Figura 4.7 - Imagens das Floreiras sobrelevadas do pátio em U (Pátio das Oliveiras), em 2021 (foto da autora)......	22
Figura 4.8 - Imagem do Pátio dos de Medronheiros, em 2021 (foto da autora)......	22

Figura 4.9 - Pátio da Oliveiras: Plano geral. ....	26
Figura 4.10 - Pátio da Oliveiras: Plano de plantação. ....	28
Figura 4.11 - Pátio da Oliveiras: Plano de pavimentos e mobiliário urbano. ....	29
Figura 4.12 - Pátio das Oliveiras: Plano de planimetria. ....	30
Figura 4.13 - Pátio das Oliveiras: Plano de rega. ....	31
Figura 4.14 - Parapeito das Murtas: plano geral. ....	32
Figura 4.15 - Parapeito das Murtas: plano de plantação. ....	32
Figura 4.16 - Parapeito das Murtas: plano de pavimentos. ....	33
Figura 4.17 - Parapeito das Murtas: plano de altimetria. ....	33
Figura 4.18 - Parapeito das Murtas: plano de rega. ....	33
Figura 4.19 - Pátio das Laranjeiras: plano geral. ....	34
Figura 4.20 - Pátio das Laranjeiras: plano de plantação. ....	35
Figura 4.21 - Pátio das Laranjeiras: plano de pavimentos e mobiliário urbano. ....	37
Figura 4.22 - Pátio das Laranjeiras: plano de altimetria. ....	38
Figura 4.23 - Pátio das Laranjeiras: plano de rega. ....	39
Figura 4.24 - Pátio das Romãzeiras: plano geral. ....	41
Figura 4.25 - Pátio das Romãzeiras: plano de plantação. ....	43
Figura 4.26 - Pátio das Romãzeiras: plano de pavimentos, revestimentos e capeamentos. ....	45
Figura 4.27 - Pátio das Romãzeiras: plano de planimetria. ....	46
Figura 4.28 - Pátio das Romãzeiras: plano de rega. ....	47
Figura 4.29 - Pátio dos Medronheiros: plano geral. ....	48
Figura 4.30 - Plano de plantação. ....	50
Figura 4.31 - Pátio dos Medronheiros: plano pavimentos, revestimentos e capeamentos. ....	51
Figura 4.32 - Pátio dos Medronheiros: plano de altimetria. ....	52
Figura 4.33 - Pátio dos Medronheiros: plano de rega. ....	52
Figura 4.34 - Corte do Pátio das Oliveiras. ....	55
Figura 4.35 - Corte do Pátio das Laranjeiras. ....	56
Figura 4.36 - Corte do Pátio dos Medronheiros. ....	56

## Índice de Tabelas

Tabela 4.1 – Descrição e caracterização do Elenco florístico proposto. ....	53
Tabela 4.2 – Descrição e caracterização dos pavimentos propostos. ....	54
Tabela 4.3 – Descrição e caracterização do mobiliário urbano proposto. ....	54

## Anexos

### ANEXO 1 - PEÇAS DESENHADAS

## **AGRADECIMENTOS**

No decurso da nossa vida confrontamo-nos com diferentes períodos a atravessar que contribuem para o nosso desenvolvimento e realização pessoal. Este período foi um dos muitos inesquecíveis e fundamentais da minha existência. Desejaria apresentar o meu agradecimento a quem me ajudou para que este exercício se concretizasse com sucesso, pois só com ajuda se consegue obter algo na vida.

À minha orientadora, Professora Doutora Jacinta Fernandes, obrigada pelo apoio, encorajamento e ensinamentos prestados durante vários anos, por me ter incitado a não desistir, transmitindo-me boas energias. Muito obrigada por tudo. Ao meu orientador, Professor Doutor Ricardo Canas, obrigada pela sua orientação, atenção, apoio, instrução e também, pelo seu precioso e escasso tempo que me foi dedicado.

Aos professores, que durante longos anos que não me deixaram ficar para trás, não foi fácil para eles, pelos ensinamentos, incentivo, força e atenção para vir a atingir o objectivo actual. Aos meus colegas da UALG, colegas profissionais e amigos, nomeadamente à Teresinha e à Filomena que me deram alojamento em tempo de aulas, pela troca de ideias, pela força, a todos o meu agradecimento.

À Doutora Leonor Bota, Directora executiva do Centro de Saúde de Portimão, obrigada pela atenção especial e incentivo que teve para comigo, para chegar a este último e final feliz.

Aos meus filhos, João e Ricardo, pelo apoio, compreensão e estímulo que sempre me deram especialmente ao meu filho Ricardo que até me levou às aulas, muito obrigada. Agradeço também aos meus familiares em geral, por toda a força, apoio e manifestação de sentimento de orgulho por mim. Muito obrigada por tudo.

## RESUMO

Portimão, no século XIII, era um pequeno centro de pesca. No século XV, já era uma vila, o núcleo urbano rodeado por hortas e pomares foi protegido por muralhas. A construção destas e da Igreja Matriz constituíram o maior símbolo deste período. Do lado do oceano, as praias, as arribas e os rochedos litorais abrangiam a paisagem. A Vila Nova de Portimão desenvolveu-se para lá do perímetro muralhado pouco tempo depois da sua construção com o exemplar do Colégio dos Jesuítas. O terramoto de 1755 causou estagnação e a recuperação e desenvolvimento acontece com as indústrias de frutos secos e conserveiras de peixe. Foram construídos edifícios para acolher as pessoas vizinhas das zonas agrícolas de subsistência e infra-estruturas industriais. No século XIX, surgem as obras públicas que transformam a paisagem (a ponte rodoviária, o cais), sendo pontos de apoio para a actividade piscatória e escoamento da produção industrial, nomeadamente a exportação de conservas para todo o mundo. A malha urbana cresceu com a criação da zona industrial adjacente à zona ribeirinha. A vila foi elevada a cidade em 1924, sendo então, Presidente da República Manuel Teixeira Gomes, negociante e escritor, natural de Portimão. Aquando do declínio da indústria conserveira devido à concorrência estrangeira, à quebra nas pescarias, o turismo com a hotelaria e a restauração substituiu aquela economia. A Unidade do Centro de Saúde de Portimão funcionou no anexo dentro do antigo Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Portimão, conhecido atualmente por Hospital de São Camilo. Em redor, desta unidade existiam espaços verdes constituídos por árvores, arbustos e herbáceas. No dia 25 de Maio de 2012 abriu o novo Centro de Saúde, mandado construir pela ARS Algarve, junto ao edifício do Hospital de São Camilo, com uma arquitetura de acordo com as normas de ventilação, de luminosidade e de saúde, daí resultaram espaços expectantes, a favorecer a respetiva entrada de ar. Deste modo, surgiu o complexo de quatro pátios interiores abertos, em estudo, contíguos às salas de serviços do edifício onde funciona a Unidade de Saúde ACES Algarve II, que se encontram no interior desta unidade. No presente relatório/dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista é apresentada uma proposta de intervenção – o projeto de execução da requalificação paisagística dos espaços expectantes, para recriar parte da paisagem de origem do local e tornar todos os espaços convidativos a visitas e agradáveis aos sentidos, na óptica dos conhecimentos da Arquitectura Paisagista. Propõe-se elementos de composição vivos, equipamentos de estadia, descanso e apoio. O conceito de base de intervenção foi – A Biodiversidade e a Resiliência A primeira assenta na variedade de espécies, com cores, formas e texturas, e, responde à

recuperação da qualidade do ambiente através dos elementos vivos introduzidos nos pátios, a segunda refere-se ao restabelecimento da capacidade dos profissionais de saúde devido ao cansaço inerente às suas atividades. A diversidade de vegetação contribui para a resiliência, estando esta implícita na biodiversidade.

**PALAVRAS - CHAVE:** Portimão, Centro de Saúde, Requalificação Paisagística, Evolução da Paisagem, Interface Pátio – Biodiversidade.

## ABSTRACT

Portimão in the 13<sup>th</sup> century was a small fishing center. In the 15<sup>th</sup> century it was already a village, the urban center surrounded by vegetable gardens and orchards was protected by walls. Construction of these and the Mother Church were the greatest symbol of this period.

On the ocean side, beaches, cliffs and coastal cliffs covered the landscape.

Vila Nova de Portimão developed beyond the walled perimeter shortly after its construction with the example of the Jesuit College.

The 1755 earthquake caused stagnation, recovery and development took place with the dried fruit and fish canning industries. Buildings were built to accommodate people living in neighboring agricultural subsistence areas and industrial infrastructure. In the 19<sup>th</sup> century, public works appear that transform the landscape, - the road bridge, the pier, - a support point for fishing activity and the disposal of industrial production, preserves were exported all over the world. The urban fabric grew with the creation of the industrial zone adjacent to the riverside area. The village was elevated to city in 1924, being then, President of the Republic Manuel Teixeira Gomes, businessman and writer, born in Portimão. When the canning industry declined due to foreign competition, the fall in fisheries, tourism with hotels and restaurants replaced that economy. The Portimão Health Center Unit operated in the annex within the former Hospital of Santa Casa de Misericórdia de Portimão, currently known as Hospital de São Camilo.

Around this unit there were green spaces made up of trees, shrubs and herbs. On the 25<sup>th</sup> of May 2012, the new Health Center opened, ordered to be built by ARS Algarve, next to the Hospital de São Camilo building, with an architecture in accordance with ventilation, lighting and health standards, resulting in expectant spaces, to favor the respective air intake. In this way, the complex of four open interior patios, under study, adjoining the service rooms of the building where the ACES Algarve II Health Unit operates, which are located inside this unity.

In the present report/dissertation of Master's in Landscape Architecture an intervention proposal is presented – the project for the **execution of the landscape requalification of the expectant spaces**, to recreate part of the original landscape of the place and to make all the spaces inviting to visits and pleasant to the senses, from the perspective of knowledge of

Landscape Architecture. Living composition elements, stay, rest and support equipment are proposed. The basic concept of intervention was – Biodiversity and Resilience The first is based on the variety of species, with colors, shapes and textures, and responds to the recovery of the quality of the environment through the living elements introduced in the patios, the second refers to the restoration of the capacity of health professionals due to the fatigue inherent in their activities. Vegetation diversity contributes to resilience, which is implicit in biodiversity.

**KEYWORDS:** Portimão, Health Center, Landscape Requalification, Landscape Evolution, Courtyard-building interface, Biodiversity.

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO

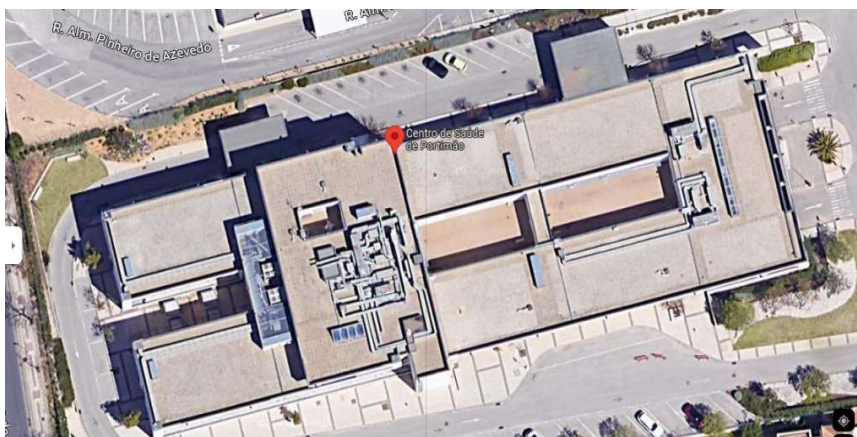
Desde tempos remotos que as pessoas, quando doentes, procuraram ambientes propícios ao restabelecimento e possível recuperação de saúde. Na antiguidade, as doenças eram tratadas conforme o ambiente sócio - económico, cultural, científico e até religioso. Na atualidade, o conhecimento científico conduziu a mudanças de comportamento das pessoas e das suas escolhas no que concerne a tipos de tratamentos, mas também à tipologia e localização arquitetónica dos locais onde procuram alívio para o seu sofrimento. Desde a antiguidade que se conhecem propriedades curativas das plantas. Hoje, valoriza-se também o aspeto sensorial e estético, pelo impacto positivo que têm na recuperação da saúde e bem-estar. A escolha do tipo de plantas para os espaços verdes contíguos às unidades de saúde é, pois, um aspeto importante, nomeadamente não usar espécies que possam ter riscos para a saúde e introduzir outras que valorizem os espaços de acordo com as funções dos mesmos. Também é sabido que os espaços verdes e a presença de plantas têm benefícios para a saúde e bem-estar das populações urbanas, e que, espaços verdes e plantas junto a unidades de saúde são promotores da reabilitação e recuperação da saúde para quem está doente, física e/ou mentalmente (Gonçalves, 2014). Também para os profissionais de saúde, na sua qualidade de cuidadores formais ou informais, para os delegados da propaganda médica, os formadores de saúde, os prestadores de serviços diversos, a presença da vegetação junto das unidades de saúde tem efeitos benéficos na sua saúde e bem-estar e, portanto, na qualidade global dos serviços e cuidados prestados à comunidade.

Portimão, no século XIII, era um pequeno centro de pesca. No século XV, já era uma vila, o seu núcleo urbano, com Igreja Matriz, protegido por muralhas e rodeado por hortas e pomares. Do lado do oceano, as praias, as arribas e os rochedos litorais abrangiam a paisagem. A Vila Nova de Portimão desenvolveu-se para lá do perímetro muralhado, pouco tempo depois da sua construção, com o Colégio dos Jesuítas. O terramoto de 1755 causou estagnação; a recuperação e desenvolvimento aconteceu com as indústrias de frutos secos e conserveiras de peixe. Foram construídos edifícios para acolher as pessoas vizinhas das zonas agrícolas de subsistência e infraestruturas industriais. No século XIX surgiram as obras públicas para apoio da atividade piscatória e escoamento da produção industrial de conservas para todo o mundo, que

transformaram a paisagem - a ponte rodoviária, o cais. A malha urbana cresceu com a criação da zona industrial adjacente à zona ribeirinha. A vila foi elevada a cidade em 1924. Atualmente, o concelho de Portimão, onde as atividades económicas principais são a pesca, o comércio e o turismo, tem imensas opções de diversão, como passeios turísticos, atividades para crianças, feiras, mercados e diversão noturna. Daí a necessidade e existência de Unidades de saúde, públicas e privadas.

A unidade de saúde ACES Algarve II é uma unidade de saúde, que serve a população da respetiva área de influência. Para cumprir a sua missão, o ACES Barlavento desenvolve atividades de promoção da saúde e de prevenção da doença, de prestação de cuidados na doença e a ligação a diversas prestações de serviços para acederem a especialidades de saúde. As atividades no âmbito da vigilância epidemiológica, investigação em saúde, controlo e avaliação dos resultados, são também contempladas. Durante as fases diferentes, compromete-se a estimular e apoiar na formação integração dos vários grupos profissionais. A Unidade do Centro de saúde de Portimão funcionou no anexo dentro do antigo Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Portimão, conhecido atualmente por Hospital de São Camilo. Em redor, desta unidade existiam espaços verdes constituídos por árvores, arbustos e herbáceas. No dia 25 de maio de 2012 abriu o novo Centro de Saúde (Figura 1.1), mandado construir pela ARS Algarve, junto ao edifício do Hospital de São Camilo, com uma arquitetura de acordo com as normas de ventilação, de luminosidade e de saúde. Daí resultaram espaços expectantes, a favorecer a respetiva entrada de ar, e, deste modo surgiu o complexo de quatro pátios interiores abertos, contíguos às salas de serviços do edifício onde funciona a Unidade de Saúde ACES Algarve II.

*Figura 1.1 - Mapa do Centro de Saúde de Portimão.*



Em 2020, a Diretora Executiva do centro de saúde ACES Algarve II, responsável por esta unidade de saúde, endereçou o convite para a realização de um projeto de requalificação dos pátios das instalações desta unidade de saúde. Pretendia-se usufruir de espaços em que as pessoas se sintam bem, com a exigência de um jardim de baixa manutenção e alta sustentabilidade, de poupança de recursos económicos e humanos.

## **1.2. OBJETIVOS DO ESTUDO**

O objetivo geral do presente estudo consiste em apresentar o projeto de execução da requalificação paisagística para o Centro de Saúde da cidade de Portimão (unidade de saúde ACES Algarve II, Barlavento), especificamente para os quatro pátios interiores e o parapeito exterior.

Procura-se integrar a intervenção dentro do universo da reabilitação de zonas urbanas sem espaços verdes. Dadas as características dos espaços existentes, surge a proposta de criação de canteiros com faixas verdes, de baixa volumetria, que vão desempenhar funções essenciais, proporcionando o aumento do bem-estar das pessoas. A intenção da proposta é introduzir os espaços verdes de modo a proporcionar aos utilizadores, principalmente a utentes e profissionais de saúde, um ambiente mais apropriado e agradável, em termos de saúde e bem-estar. Pretende criar espaços verdes nos quais as pessoas se sintam bem, e que sejam simultaneamente de baixa manutenção e alta sustentabilidade, com poupança de recursos naturais, económicos e humanos.

A intervenção proposta teve como pressuposto base a reintegração destes espaços na unidade de saúde, através da sua requalificação. A proposta aqui apresentada, além de seguir as orientações do programa definido pelas peças escritas e desenhadas, considerando as peças desenhadas como de intervenção ou projeto de arquitetura paisagista, propõe a requalificação dos espaços identificados.

O projeto de arquitetura paisagista que se apresenta tem por base um conjunto de objetivos. Pretende-se, em primeiro lugar, beneficiar da presença de vegetação nesta unidade de saúde, quer para os utentes, seus familiares e acompanhantes, quer para os profissionais de saúde, também para aqueles que estão de boa saúde, mas especialmente para aqueles que estão doentes, como suporte ao desenvolvimento de uma solução de projeto para a requalificação destes espaços. Simultaneamente, pretende-se respeitar o princípio da economia de água para rega, com a reformulação ao nível das espécies plantadas, substituição da vegetação existente

por espécies com baixas exigências hídricas, nomeadamente selecionadas do elenco de espécies autóctones ou adaptadas às condições edafo-climáticas do local. Também se pretende, com a seleção de espécies, reproduzir, de forma minimalista, pedaços da paisagem rural mediterrânica local.

### **1.3. ABORDAGEM METODOLÓGICA E ESTRUTURA DO RELATÓRIO**

O projeto de execução da intervenção paisagística a que o presente estudo diz respeito foi desenvolvido com base no estudo prévio, e, assim o conceito de intervenção já estava parcialmente definido. Deste modo, o presente projeto enquadra-se no âmbito principal da requalificação de uma zona urbana, nomeadamente no interior de um edifício de serviços de saúde. Dadas as características do local, procurou-se introduzir e integrar novos conceitos e algumas modificações na fase de desenvolvimento do projeto de execução.

A fase de análise foi fundamental para compreender o sistema de intervenção. Procedeu-se ao estudo/descrição da paisagem e da transformação da área de estudo.

A elaboração do projeto de requalificação da área urbana que aqui se apresenta, fundamentou-se em primeiro lugar, em bibliografia de referência, sustentada na história de Portimão e em espaços verdes de características similares. Pressupõe-se que com o conhecimento do local é uma ferramenta necessária para intervir no mesmo. Assim, também se recorreu à descrição da situação presente do local de estudo/intervenção, nomeadamente baseada em fotografias, testemunhos de residentes e de profissionais de saúde que acompanharam a evolução e transformação da cidade e a construção da unidade de saúde atual. E estudou-se a evolução da paisagem de Portimão, com mais atenção desde 1980's, época em que abundavam as árvores de fruto e as hortas, após o que houve uma forte transformação, na qual os espaços naturais e agrícolas foram progressivamente ocupados por empreendimentos (habitacionais, turísticos, comerciais) e infraestruturas.

Numa segunda fase procedeu-se ao estudo da área de intervenção, de forma a entender as suas características biofísicas e o seu papel na cidade e responder de forma positiva ao programa proposto. Daí o reconhecimento de materializar a tese mestrado com a introdução de espaços verdes dentro dos espaços urbanos construídos, para desta forma devolver, na forma de jardim introduzido em canteiros, o pomar, que existia no local da implantação do edifício de saúde no passado. A informação adquirida inclui visitas ao local, levantamento da situação existente, estado de conservação da área e registos fotográficos.

Assim, o presente relatório de projeto encontra-se estruturado em seis capítulos que procuram explicar o processo de elaboração do estudo e da proposta de intervenção.

O primeiro capítulo, a Introdução, divide-se em três subcapítulos: Âmbito e Justificação do Estudo, Objetivos do Estudo, e Abordagem Metodológica e Estrutura da Tese. No primeiro subcapítulo expõe-se a razão que levou a desenvolver o presente estudo, a justificação e fundamento do mesmo. No segundo subcapítulo são enunciados os objetivos do presente estudo. E o terceiro subcapítulo é dedicado à descrição geral da abordagem metodológica seguida, acompanhada de uma descrição da estrutura do relatório e de um breve resumo dos conteúdos das suas partes constituintes.

O segundo e o terceiro capítulos expõem a vertente de investigação associada ao estudo. Para entender as raízes de Portimão e compreender a identidade do local, faz-se uma breve descrição histórica de Portimão: no primeiro subcapítulo apresenta-se um enquadramento histórico, natural e cultural da Cidade de Portimão, e o segundo subcapítulo caracteriza a evolução da paisagem, desde a antiguidade até à presente data (Evolução da Paisagem Urbana, Portuária e Industrial, de Portimão). O terceiro capítulo contempla conteúdos que fundamentam a proposta de intervenção, uma breve revisão da literatura sobre importância e função das áreas verdes para a saúde.

No quarto capítulo dedicado à apresentação e descrição da proposta de intervenção para a área de estudo, são enunciados o conceito da proposta de intervenção e apresentação do programa definido. No quinto capítulo são apresentadas as considerações finais, e, no sexto, as referências utilizadas para o desenvolvimento deste estudo.

Por fim apresentam-se em Anexo, as peças técnicas desenhadas a escalas adequadas.

## 2. PORTIMÃO - COMPLEXO PORTUÁRIO E INDUSTRIAL

### 2.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-NATURAL E CULTURAL DA CIDADE DE PORTIMÃO

Portimão, cidade situada entre rochas e dunas, localizada na margem do Rio Arade, cujo concelho é limitada a norte pelo concelho de Monchique, a leste pelos concelhos de Silves e de Lagoa, a oeste pelo concelho de Lagos e a sul pelo oceano Atlântico (Figura 2.1).

Figura 2.1 - Mapa da cidade de Portimão.



Portimão localiza-se na orla litoral sul da região administrativa do Algarve (no sul de Portugal continental), apresentando um clima marcadamente mediterrâneo, caracterizado por uma temperatura média anual de 20°C com invernos amenos, e uma precipitação média anual aproximada de 470 mm. O mar caracteriza-se por ser calmo no verão, o que favorece o uso balnear; e no período de Inverno as tempestades podem afetar a costa com ondulações até dois metros ou mais, a época dos desportos de inverno, nomeadamente o surf. A qualidade do ar é boa e a poluição do ar apresenta pouco risco.

O património arqueológico de Portimão demonstra uma ocupação permanente desde a Pré-história: a presença de cinco machados de pedra polida, de contextos do Neolítico e Calcolítico (Veiga, 1887); a Necrópole de Alcazar, e a descoberta do Homem de Neanderthal da Companhia. A presença Fenícia, Cartaginesa e Romana destacam o papel importante, comprovada com os achados arqueológicos na foz do Rio Arade. Na segunda metade do século XV Portimão

afirma-se como núcleo urbano, com a construção de Igreja Matriz e de Muralhas, que constituíram o maior símbolo da época. Segue-se o período dos Descobrimentos com a notável expansão comercial que se desenvolve para fora dos limites da muralha (Figura 2.2).

*Figura 2.2 - Vila Nova de Portimão, 1617 (Fonte: Alexandre Massaii, Descrição e plantas da costa, dos castelos e fortalezas, desde o Reino do Algarve até Cascais, da Ilha Terceira, da Praça de Mazagão, da Ilha de Santa Helena, da fortaleza da Ponta do palmar na entrada do Rio Goa, da cidade de Argel e de Larache).*



O terramoto de 1755 causou uma enorme destruição no edificado urbano, que só veio a ser reerguido na segunda metade do século XIX, com o Marquês de Pombal. O desenvolvimento industrial de conservas surgiu com tanto dinamismo que atraiu as populações que subsistiam da agricultura. Foram construídas ao longo da zona Ribeirinha infraestruturas industriais e, de habitação, para fazer face ao afluxo de operários. A criação de ponte rodoviária na zona Ribeirinha e construção do cais, para escoamento industrial foram obras de grande envergadura. Portimão foi beneficiado com o grande negociador e escritor, então presidente da república, Manuel Teixeira Gomes. A indústria atingiu o máximo de exportação com a força da II Grande Guerra, a malha urbana, os bairros sociais e a zona industrial adjacente à zona Ribeirinha foram a justificação da crescente ocupação do solo. Com o fim da Guerra, a quebra das pescarias, o envelhecimento da maquinaria, a concorrência estrangeira, chegou o declínio da indústria conserveira. Esta foi substituída pelo turismo, que mudou a malha urbana, com crescimento do edificado em altura, com torres para alojamento turístico e restauração, que começou em 1960's

ao longo da costa e continuou com edificado habitacional, de grande volumetria.

No presente, Portimão é essencialmente residencial: praças repletas de restaurantes e cafés com esplanada, ligadas por ruas comerciais pedonais com lojas tradicionais e uma série de edifícios históricos e religiosos. A arquitetura dos finais do séc. XIX e início do séc. XX marca o centro histórico.

O porto de Portimão, dada a sua situação geográfica, destacou-se como local com grande fluxo comercial, pela indústria conserveira desde a pré-história, sendo em todas as épocas importante como entreposto marítimo. Com expansão urbana e o turismo, na década de 1960's, aquela atividade antiga caiu em desuso (Figura 2.3). Foram efetuadas obras de requalificação portuária e de condições de navegação, no intuito de melhorar as condições comerciais, turísticas e sociais da população, em crescimento.

*Figura 2.3 - Imagem aérea do complexo portuário de Portimão (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portim%C3%A3o>)*



Destaca-se também o património histórico, natural e gastronómico de Portimão. O Museu implantado numa fábrica conserveira, a sua exposição histórica local inclusa, as praias, os percursos pedestres ao longo de promontórios, a zona ribeirinha, as rotas do petisco, as festas cosmopolitas, são razões de visita. De salientar que, em 2019, Portimão foi escolhida pela entidade ACES Europa como a cidade do desporto.

## **2.2 EVOLUÇÃO DA PAISAGEM DA CIDADE PORTIMÃO**

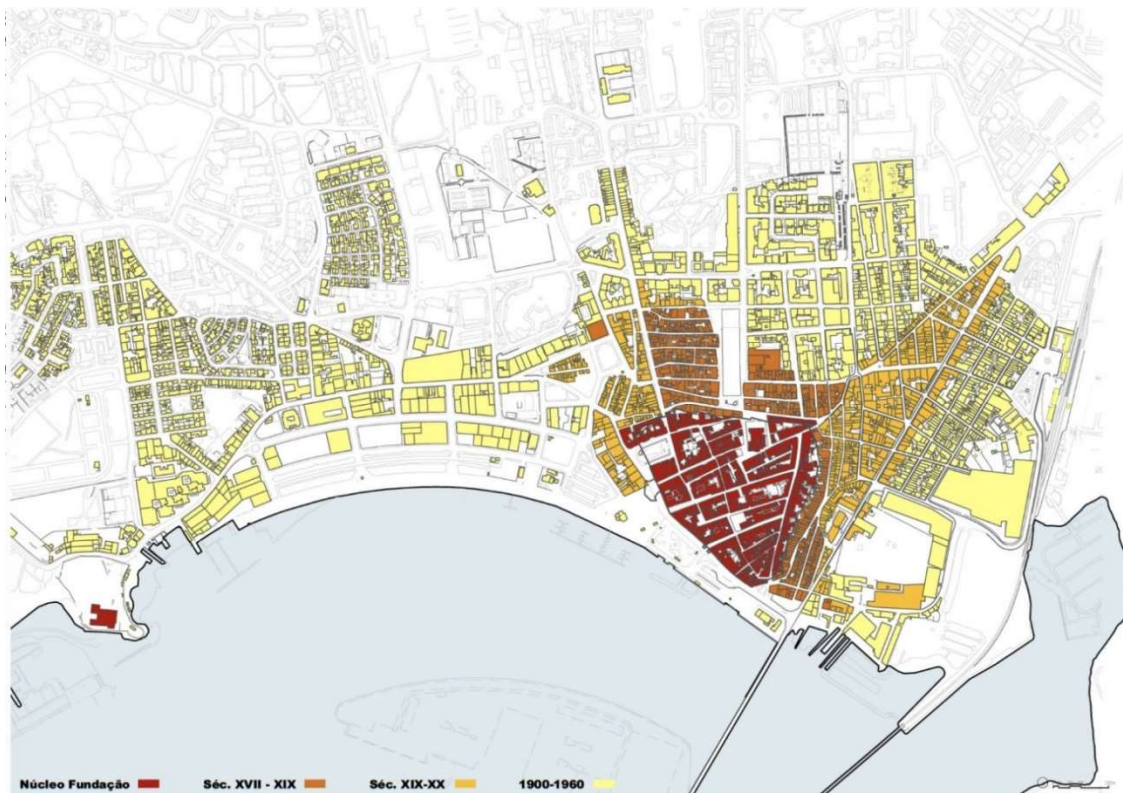
Com base em informação contida num trabalho cooperativo do Museu de Portimão com a Divisão de Regeneração Urbana de Portimão, responsável na Área de Reabilitação Urbana

(ARU), num trabalho de levantamento e análise abrangente das ocorrências que tiveram lugar na área supra referida, elaborou este subcapítulo sobre evolução da paisagem envolvente de Portimão, incluindo a zona urbana, portuária e industrial, desde o século XVII até ao presente.

Até ao século XVII, a muralha da Vila Nova de Portimão, delimitava um polígono irregular com cerca de 6,5 hectares estendendo-se desde o rio até ao interior. A malha urbana dentro das muralhas teria sido marcada por limitação do espaço, levando a construções de ruas estreitas e sinuosas, onde se detinha todas as grandes funções administrativas e comerciais. No século XVII ocorre a integração das muralhas no edificado, e a vila de Portimão começa a expandir-se extramuros. O património Igrejas de Misericórdia, associado a outros anexos administrativos e ao antigo hospital, constituem complexos ligados às vivências e memórias coletivas das comunidades locais (Figura 2.4). A implantação planimétrica das Igrejas de Misericórdia com tradição assistencial forte, com confrarias ou Irmandades que prestavam assistência a pobres a doentes e a presos em pequenos hospitais, foram construídas nos centros de maior importância sócio-cultural económica, no centro urbano, em ruas principais ou praças, próximo do polo do poder local. A sua arquitetura, com o plano da planta retangular longitudinal com a fachada principal desenvolvida na face mais estreita, é o resultado da evolução de diferentes épocas construtivas. O Colégio dos Jesuítas, conhecido por Igreja da Misericórdia de Portimão (Figura 2.5), começou a ser construído em 1660; várias partes do edifício foram reutilizadas como hospital, sede da Junta de Freguesia de Portimão, lar de terceira idade e museu. Uma das principais obras de arquitetura do século XVII, sofreu estragos e modificações ao longo dos séculos.

Parte deste edifício funcionou como local hospitalar e de apoio a pessoas com diversas carências. Supõe-se que estas Misericórdias e os seus anexos hospitalares, dos séculos anteriores ao século XX, tenham estado rodeados de natureza e/ou espaços agrícolas (matos, hortas e pomares tradicionais), ambientes favoráveis à recuperação mais rápida da saúde. Os núcleos urbanos eram de pequenas dimensões, com poucas estruturas edificadas, de pequena volumetria e de baixa demografia.

*Figura 2.4 - Planta de evolução da cidade de Portimão, por zonas consolidadas (elaborado pelo autor).*



*Figura 2.5 - Colégio dos Jesuítas ou Igreja da Misericórdia de Portimão (Fonte: Wikipédia).*



O núcleo urbano da vila, até ao início do século XX, detinha as mais importantes atividades administrativas, sociais e comerciais, com base no tráfego naval, que garantia o comércio

de Portimão, naquela época. Os produtos locais nomeadamente, o figo, a amêndoa, a alfarroba e o vinho dominavam o comércio. O porto de Portimão estava adaptado ao comércio piscatório conserveiro (Figura 2.6), mas no século XXI dá-se a abertura do cais do Porto de Cruzeiros de Portimão, e melhoramentos inerentes às atividades de um porto marítimo da atualidade.

*Figura 2.6 - Antigo mercado de peixe junto ao Rio Arade (Fonte: Portimão, 1993. A Indústria Conserveira na Construção da Malha Urbana no Algarve.)*



A indústria funcionou como motor e força para o desenvolvimento da malha urbana. O Bairro dos Pescadores evidencia as características da consciência das necessidades das pessoas, com a presença de jardim no meio do bairro e dos quintais anexos às entradas das casas de baixa volumetria. No entanto com as necessidades de habitações, lojas, centros comerciais e de serviços, a quantidade de espaços verdes tem ficado aquém das adequadas.

O coberto vegetal potencial da zona de estudo é a vegetação mediterrânea, o tipo de vegetação que se forma em regiões de clima predominante mediterrânico (cuja principal característica é a presença de um período seco bem definido durante os meses de Verão), constituída por plantas bem adaptadas à secura estival. Dominam dois tipos de formações vegetais: matagais e matos baixos. Os matagais são dominados por carrascos (*Quercus coccifera*) e lentiscos (*Pistacia lentiscus*) acompanhados por espinheiros (*Rhamnus oleoides*) e palmitos (*Chamaerops humilis*). Os matos baixos são constituídos por *Genista algarbiensis* (Tojo), *Thymbra capitata* (Tomilho-branco), *Rosmarinus officinalis* (Alecrim), *Lavandula luisieri* (Rosmaninho).

Atualmente, a presença da vegetação natural potencial climática é residual, dominando etapas regressivas (matagais e matos baixos), em resultado da secular ação antrópica (silvicultura, agricultura, extração mineral, expansão urbana, entre outras).

### 3. ESPAÇOS VERDES URBANOS E SAÚDE

Este capítulo surge como processo de fundamentar a intervenção que este relatório apresenta, procurando relacionar o conceito de espaços verdes urbanos e sua relação com a saúde. Assim, salienta-se o valor dos jardins e espaços verdes para a saúde, refere-se a história dos jardins em unidades de saúde em várias épocas e contextos, os benefícios para os utilizadores de unidades de saúde; os conceitos associados às necessidades específicas, a nível patológico e terapêutico dos processos de reabilitação do doente; referem-se exemplos de jardins existentes noutras unidades de saúde.

A revolução industrial provocou abandono das áreas rurais e aumentou a pressão nas paisagens construídas, com diminuição de habitats e de biodiversidade. Foi então que se procurou repor os espaços verdes nas áreas urbanas, embora com denominações como corredores verdes, cinturas verdes e outras, cujas funções reuniram as exigências da população em termos paisagísticos, recreativos, visuais, sociais e humanos com aumento de diversidade de seres vivos. Olmsted definiu *greenway* como um parque linear que defende aspetos de cariz ambiental, preservação e conservação de recursos patrimoniais da paisagem, proporciona recreio e lazer (Bizarro 2019).

As funções ecológicas dos espaços verdes urbanos traduzem-se na presença de áreas compostas de uma diversidade de espécies, que promovem o fluxo ou movimento de espécies e de energia, mas também na amenização da temperatura da água e do ar, no estabelecimento da circulação da água da chuva e infiltração da mesma. As suas funções sociais estão associadas ao valor e qualidade estética da paisagem, à disponibilidade de espaços de recreio e lazer, mas também de produtos alimentares frescos, e à conservação do património histórico e cultural. E ainda aos benefícios para a saúde e bem-estar.

Existem muitas evidências empíricas de como o ambiente tem impacto na saúde dos seres vivos, incluindo os humanos. As teorias para as soluções para a recuperação da saúde, na falta de conhecimentos científicos, sempre andaram associadas aos conhecimentos tradicionais empíricos e ao papel desempenhado pela natureza na qualidade de vida, na recuperação de saúde e de bem-estar. Na civilização da Grécia antiga, os doentes protegidos do Deus Asclépio usaram para terapia das suas maleitas o refúgio no santuário em contacto com a natureza, as plantas medicinais, os banhos, o relaxamento, entre outras terapias sugeridas e aplicadas pelo médico Hipócrates. Seguiu-se a civilização ocidental, com a tradição dos jardins, como lugar de

destaque para promover a saúde. Valorizou-se o jardim assim como o jardineiro que se ocupava da sua manutenção. A sociedade desde muito cedo tomou conhecimento da luta pela vida, pelas necessidades de recursos básicos, mesmo com crenças e ideias menos desenvolvidas foram tendo conhecimento das realidades e valor dos jardins naturais, nomeadamente dos jardins do antigo Egipto, dos jardins suspensos da Babilónia, tal como dos jardins persas. As pessoas que viviam nas cidades viam nos jardins um elo de ligação com a natureza.

Na idade média, os religiosos - detentores da área da saúde na época - fizeram culturas, entre elas medicinais, na envolvente dos mosteiros, com as quais prepararam medicamentos. As doenças contagiosas eram tratadas em Albergarias, Gafarias, entre outras instituições, pelos cristãos da sociedade. Os monges, seguindo a regra de São Bento de produzir dentro dos espaços exteriores monásticos as plantas essenciais ao consumo, estudavam os escritos antigos sobre medicina e as plantas medicinais referidas nos escritos de Hipócrates, o pai da medicina grega. Os monges cuja vocação de caridade assistencial praticaram os tratamentos nas primeiras instituições por eles criadas, também criaram os jardins botânicos, de plantas medicinais que eram utilizadas nos tratamentos e produção de medicamentos. No final da Idade Média, as janelas dos edifícios hospitalares deviam estar a uma altura que não permitia visualizar os espaços exteriores. E assim se perdeu um pouco da prática e do valor do contacto com a natureza para a recuperação da saúde associada a períodos de permanência em instituições hospitalares. Mais tarde surgiu a construção de pátios ajardinados interiores; os pátios ajardinados no interior de centros de saúde tornaram-se recorrentes, uma forma de aproximar os utentes e profissionais ao contacto com a natureza.

Na Inglaterra, a criação de parques públicos e de jardins domésticos constitui as primeiras obras para a melhoria de ar puro e de condições de vida, facto que antecedeu a resposta à poluição das cidades industriais da Europa desde o século XVII ao século XIX. Com a revolução industrial, período marcado pelo excesso de ruído e poluição nas zonas urbanas, houve grande valorização dos jardins, dos espaços verdes urbanos, mas também das paisagens naturais e do contacto com a natureza.

Ao longo da história, a progressiva concentração populacional nos centros urbanos originou um caos crescente em termos de poluição ambiental (atmosférica, sonora, luminosa, etc.) e stress. A população urbana, cada vez mais distante de ambientes naturais ou naturalizados, sentiu necessidade de voltar ao contacto com a natureza, com elementos naturais e espaços abertos. As pessoas começaram por apresentar mal-estar e estresse por falta plantas e estímulos

sensoriais por elas transmitidos. Começaram então, conforme a época histórica, a surgir nas cidades as hortas, jardins, parques, para fazer face às necessidades e exigências da população (Sousa, 2016).

A ideia de que a presença de plantas, de árvores, jardins e outras zonas verdes, tem um impacto positivo na promoção da saúde e bem-estar dos residentes urbanos, já foi considerada e teorizada pelo Arquiteto Paisagista Frederick Olmsted. Olmsted criou espaços verdes urbanos, considerados “os pulmões” da cidade pelo benefício que trouxeram para a saúde no século XIX. Executou o desenho de forma artística, de modo a recriar espaços que fossem recreativos, mas também sensoriais, pois o aspeto visual teria impacto positivo na mente dos visitantes e frequentadores desses espaços verdes. Para Olmsted, o parque era um local de bem-estar, de promoção da saúde física e mental, que veio substituir os lugares religiosos, antes símbolos espirituais, onde se estabelecia contacto com a natureza. Acreditava ainda que o parque era o símbolo de uma nova vida comunitária e que emergiria como lugar de alegria, onde fosse possível cultivar as atividades espirituais impedidas na cidade.

Entretanto, o desenvolvimento da Ciência trouxe novas formas de tratamentos de saúde pública e de arquitetura hospitalar (Sousa, 2016), incluindo novas formas de organizar as unidades de acolhimento de saúde e os respetivos espaços exteriores. Atualmente há mesmo jardins concebidos como terapia pelo contacto com a natureza, pois são evidentes os benefícios para a saúde física e mental, para viver, trabalhar, para prevenção e promoção da saúde e cura da doença, como aliás era sugerido e praticado desde épocas remotas. Refira-se, a título de exemplo, hospitais constituídos por pavilhões interligados por corredores, com a finalidade de facilitar a circulação de ar fresco e o acesso à luz natural, o acesso a vistas para o exterior e os jardins em redor; a criação de sanatórios para a cura da tuberculose e o tratamento em contacto com a natureza; os estabelecimentos termais em parques e jardins; a atribuição de funções aos doentes psiquiátricos de cuidar de hortas e jardins como forma de terapia.

Durante o século XX desenvolveu-se uma relação muito próxima entre o modelo artístico de criar jardim e de plantar hortícolas e o desenvolvimento cultural e civilizacional. Paralelamente, desenvolveu-se o conhecimento humano para a relação das plantas com estado espiritual e sensorial e o seu impacto positivo na saúde e bem-estar. Surgiram teorias associadas aos benefícios do contacto com a natureza para a saúde física e mental. Os efeitos curativos da visualização de cenários naturais e naturalizados, têm vindo a ser comprovados em ambientes stressantes como hospitais, lares, zonas de conflito armado, vaivéns e estações espaciais (Beldade,

2014).

Há quem considere que qualquer jardim pode ser considerado um Jardim Terapêutico, uma vez que as pessoas podem deles retirar benefícios restauradores independentemente das suas necessidades de saúde. Numa retrospectiva histórica sintética, o conjunto de fatores que se considera terem influenciado a origem e os valores atribuídos à presença de jardins em unidades de saúde ao longo dos tempos, são, segundo Sousa (2016): no século XVIII surgem construções de jardins e parques com estratégia hidrológica em instâncias termais, para efeitos de recreio e lazer para os doentes; apesar dos blocos de apartamentos do modernismo não se quebrou a mentalidade da importância da relação entre a saúde e o jardim.

O Hospital Júlio de Matos, em Lisboa, constituído por pavilhões, tem um pátio exterior arborizado, para possibilitar que doentes e profissionais de saúde possam desfrutar do contacto com a natureza, benéfico para a saúde. Tem sido observado que doentes a recuperar em quartos virados para árvores recuperam mais rapidamente, e por isso estas práticas têm sido utilizadas em diversas unidades de saúde. Também se verifica que passear por um jardim baixava o stresse e reduz as crises de humor. Há um jardim terapêutico e sensorial no Hospital Garcia de Horta (em Almada), espaço concebido para os doentes e profissionais de saúde usufruírem de um ambiente mais saudável. Aqui, as crianças podem desenvolver estímulos sensoriais, nomeadamente visuais, auditivos e olfativos.

A profissão de Arquiteto Paisagista é recente, e a investigação nesta matéria é muito prática. Um dos focos atuais é a biodiversidade de espécies e a sustentabilidade do planeta. Os arquitetos paisagistas, com formação interdisciplinar, artística e científica, propõem intervenções territoriais na defesa do ambiente e dos recursos naturais. Esta profissão dos tempos modernos estabelece laços com outras profissões na perspetiva de continuação e aperfeiçoamento de trabalho do ofício de jardineiro, na necessidade de resolver os problemas decorrentes dos excessos de utilização dos recursos naturais, da concentração demográfica, da qualidade do ar e das mudanças climáticas, tal como nos tempos da Revolução Industrial alguns atores propuseram soluções para ultrapassar as consequências dos seus efeitos negativos (Nunes, e outros, 2011).

## **4. APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA DOS PÁTIOS DO CENTRO DE SAÚDE DE PORTIMÃO**

### **4.1 ENQUADRAMENTO LEGAL**

O projeto desenvolvido, objeto de estudo da presente investigação, compreende documentos que estabelecem os requisitos e especialidades referentes à elaboração de um projeto de construção e à sua execução. As formalidades definidas foram anunciadas através das peças escritas e desenhadas, considerando a peça desenhada como o documento de orientação de maior relevância no sentido de exprimir melhor compreensão.

São as seguintes as formalidades pré-definidas que delimitaram a proposta de intervenção apresentada neste capítulo:

- Requalificação dos espaços interiores do Centro de Saúde, designados de “Os Pátios”, tendo como objetivo principal a economia de água (de rega) e a utilização de espécies autóctones (com baixas exigências hídricas).

- Introdução de elevações no terreno/solo dos canteiros com o aumento progressivo de cota, com função associada ao aumento de volumetria do elenco autóctone escolhido.

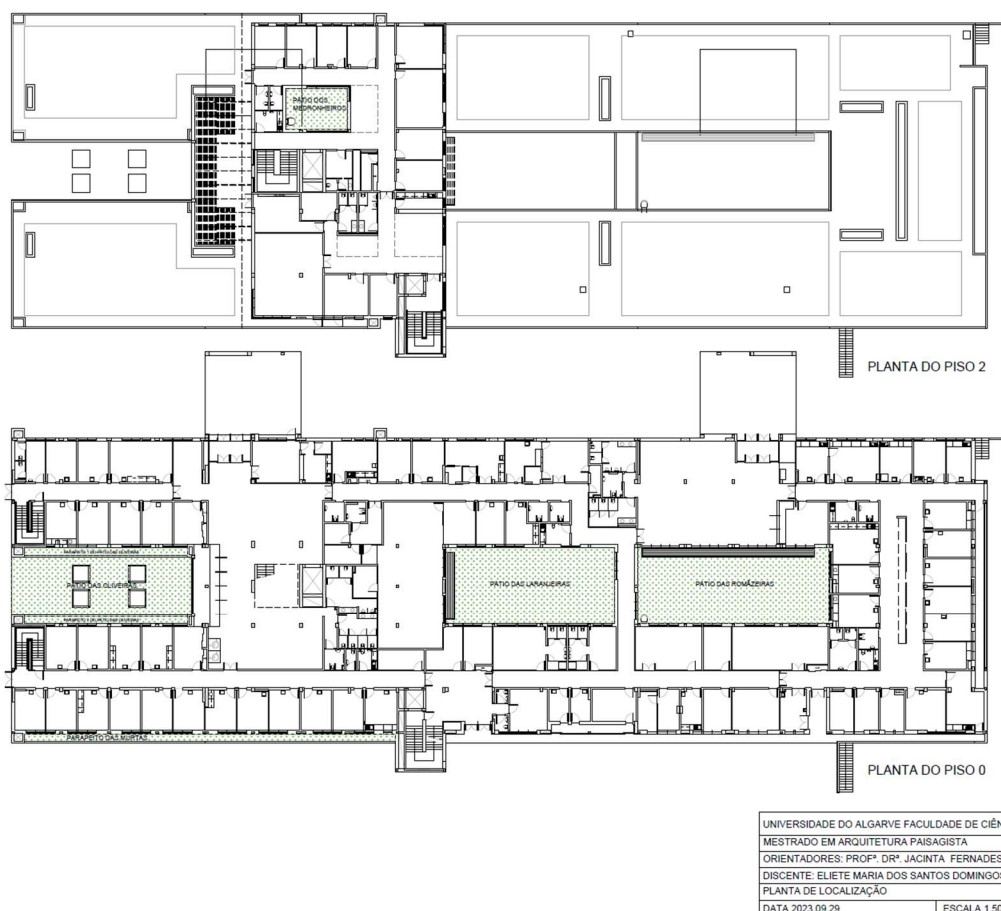
- Criação de espaços de lazer com mobiliário urbano adequado, áreas pavimentadas para atividades lúdicas e de manutenção.

- Desenvolvimento do projeto de modo a tirar partido das vistas panorâmicas a partir do interior das salas do edifício, onde os próprios pátios constituem o enquadramento principal.

### **4.2 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

A área de intervenção está localizada no interior do Centro de Saúde de Portimão (Figura 4.1), sito na Rua Manuel Dias, sítio de São Sebastião, limitado a Norte pelo Hospital de São Camilo e a Santa Casa da Misericórdia de Portimão, a Oeste pela Avenida São Lourenço da Barrosa (V6), a Sul pelo Loteamento Manuel Marques Dias e a Este pela Rua Manuel Dias. O Centro de Saúde de Portimão, edifício recém-construído, é uma unidade de saúde que está sob a gerência da Administração Regional de Saúde do Algarve e ACES Algarve II - do Barlavento, que tem espaços ajardinados no espaço envolvente. Porém os pátios interiores encontram-se, em geral, muito degradados, expectantes, onde brotam ervas infestantes (Figuras 4.2 a 4.8).

Figura 4.1 - Plano geral do centro de saúde de Portimão e localização dos espaços a requalificar - os pátios (a verde) (foto da autora).



Os espaços a intervir, os quatro pátios interiores do centro de saúde, têm características diferentes entre si, apesar de todos terem surgido como elementos abertos com a finalidade de oferecerem a entrada de luz natural, arejamento/ ventilação às salas de serviços da Unidade de Saúde. Todos estes espaços podem desempenhar funções diversas; têm muitas potencialidades. O espaço do pátio do piso 2, o Pátio dos Medronheiros, tem uma área de 28.62m<sup>2</sup>. Este espaço está limitado por salas com funções administrativas e de gerência é de todos o mais visitado. No piso, um pátio em U o Pátio das Oliveiras, aberto para o exterior, tem 123.72 m<sup>2</sup> de área, quatro floreiras sobrelevadas, dois parapeitos, que são revestidos com pedras roladas, de cor branca, com uma área de 18.00 m<sup>2</sup>. Estas varandas/alegretes são afetadas pela sombra do edifício durante algumas horas do dia, tendo exposição solar noutras horas, ou seja, enquanto uma varanda/alegrete é abrangida pela luz solar da manhã, a outra só tem sol na parte da tarde. No Parapeito das Murtas, paralelo ao pátio das Oliveiras, separado por parte do edifício, há uma

floreira de 40.00m<sup>2</sup>, igualmente revestida por pedras roladas de cor branca. A exposição solar, a Sudeste, é intensa. O Pátio das Laranjeiras situa-se no piso zero e tem a área de 151.91m<sup>2</sup>. Este espaço é atravessado por profissionais, no âmbito de fornecimento de materiais utilizados nos serviços de saúde. Quanto a exposição solar tem igualmente zonas de luz e sombra conforme as horas do dia, afetado que é pela sombra do edifício adjacente. Também no piso zero um pátio interior aberto, o Pátio das Romãzeiras, com a área de 172.27m<sup>2</sup>, separado do Pátio das Laranjeiras por um corredor, é visualizado através das janelas das salas de serviços, e frequentado apenas no âmbito de trabalhos de manutenção do edifício.

*Figura 4.2 - Imagem do Pátio das Romãzeiras em 2021 (foto da autora).*



Figura 4.3 - Imagem do Pátio das Laranjeiras em 2021 (foto da autora).



*Figura 4.4 - Imagem do Pátio das Oliveiras em 2021 (foto da autora).*



A morfologia exterior ao plano de implantação da unidade tem uma ligeira inclinação que vem aumentando desde a Marina, continuando a subir até ao cimo da encosta, por onde existem alguns fragmentos de paisagem mais antiga interrompidos por edificado mais recente. Assim,

o edifício onde se localizam os pátios foi construído sobre zonas de hortas e pomares, marcadas pela perda de biodiversidade e também pela presença de alguns exemplares arbóreos remanescentes na envolvente. Essas espécies que ainda existem na paisagem contígua à área em estudo que se pode observar atualmente são: *Olea europaea* – Oliveira, *Ficus carica* – Figueira, *Foeniculum vulgare* - Funcho, *Ceratonia siliqua* – Alfarrobeira, *Prunus dulcis* – Amendoeira, *Rosmarinus officinalis* - Alecrim, *Eriobotrya japonica* - Nespereira, *Acacia dealbata* - Acácia, entre outras. Na paisagem mais afastada da área de estudo existem *Punica granatum* – Romãzeira, *Arbutus unedo* – Medronheiro e todas as referidas anteriormente.

*Figura 4.5* - Imagem de pavimento e parapeito, com pedra rolada, do Pátio das Oliveiras em 2021 (foto da autora).



Para descrever as espécies que marcaram a paisagem mais antiga pode-se recorrer à fitotopomínia da cidade de Portimão. Deste modo surgiram e ficaram plasmadas as ruas, das Laranjeiras, dos Limoeiros, dos Loureiros, dos Loendros, das Oliveiras, das Amendoeiras, das Nespereiras, das Tílias, do Olival, da Hortinha, das Amoreiras, das Orquídeas, dos Salgueiros, das Papoilas, das Azinheiras, e, das Sesmarias. Esta última rua evidencia o local onde um lote de terras distribuído a beneficiário, com o objetivo de cultivar terras virgens, destinadas a produção agrícola. Também se evidenciam os Becos das Hortências, das Aroeiras, das Faias, das

Palmeiras reais, das Violetas, das Sardinheiras, da Manjerona, das Malvas, as travessas, da Amoreira, as Pracetas dos cactos, a Estrada das Hortas.

*Figura 4.6* - Imagem do parapeito exterior, paralelo ao pátio em U, em 2021 (foto da autora).



Esta paisagem teria constituído o habitat natural das seguintes aves: perdiz, melro, pardal, andorinha, felosa, pintassilgo, cotovia cujas espécies deram nomes a ruas. A rua dos Canteiros, reflete a existência de sistema de contenção de terras, tal como a rua da Nora apresenta um engenho de natureza hídrica para extrair água do subsolo. A rua do Fojo relembra a existência de armadilha para apanhar feras.

À volta do edifício de saúde, no limite contíguo, os passeios de calçada, são interrompidos por algumas árvores de arruamento. A faixa seguinte, junto ao passeio, por onde se faz a circulação automóvel à volta da unidade de saúde, pavimentada em alcatrão estabelece fronteira com o espaço verde exterior. Este é composto por diversas espécies de árvores, arbustos e herbáceas propostas quando da edificação da unidade de saúde.

*Figura 4.7 - Imagens das Floeiras sobrelevadas do pátio em U (Pátio das Oliveiras), em 2021 (foto da autora).*



*Figura 4.8 - Imagem do Pátio dos de Medronheiros, em 2021 (foto da autora).*



### 4.3 PROGRAMA E CONCEITO DE INTERVENÇÃO

O presente desenho, proposto, foca-se na ideia de que a identidade do lugar, deste pedaço de paisagem onde se localiza o centro de saúde, está associada às hortas e pomares tradicionais. Sabendo-se que as zonas verdes contribuem para a melhoria da qualidade do ambiente e a qualidade de vida das populações, e que o edifício está rodeado de pomares, propõe-se a criação de espaços naturalizados no meio do edificado, como recriação simbólica de parte da história do lugar - introdução de espécies dos pomares. Espera-se, assim, facilitar a ligação das pessoas à paisagem do passado (recente) e promover o fluxo de espécies no interior do edifício.

Assim, o conceito de intervenção que se materializará na proposta para estes espaços baseia-se na devolução ecossistémica, com a intenção principal de promover a biodiversidade e a resiliência. A biodiversidade contribui para o bem-estar e saúde humanas, prestando serviços de ecossistema, que por sua vez aumentam a resiliência, a capacidade de resposta a perturbações ou distúrbios, a resistência a danos e recuperação rápida. Este conceito de intervenção foi designado por biodiversidade e resiliência: a biodiversidade assenta na variedade de espécies de plantas, que proporcionam ambientes diferentes, ao longo dos dias e das estações do ano, com as suas cores, aromas e texturas, e que transmitem bem-estar às pessoas. A resiliência, no que se refere a espécies de plantas, assenta na capacidade que os elementos vivos têm de responder a danos causados por deficiência hídrica e outros excessos intempéricos (vento, chuva, frio, seca estival, granizo), recuperando rapidamente. Paralelamente, os humanos beneficiados pela presença da vegetação têm a capacidade para enfrentar crises, contrariedades, dando respostas positivas a desafios e incertezas, restabelecendo as suas capacidades diminuídas e/ou perdidas devido ao cansaço do trabalho e de estresse diário, como sejam atividades inerentes ao tratamento de doentes. Neste contexto, os termos biodiversidade e resiliência surgem tão interligados que não se tendo encontrado uma palavra composta para definir a ideia associada aos dois vocábulos, considera-se que se pode definir o conceito com uma única palavra: Biodiversidade.

Nesse sentido, e na tentativa de recriar o tipo de “habitat” do local, são propostas o uso de algumas espécies autóctones, cujo elenco florístico atendeu à vegetação pré-existente na envolvente.

Teve-se em conta que os potenciais frequentadores destes espaços pertencem a uma larga faixa etária, de modo que os elementos introduzidos tenham interesse e atratividade. Nesse sentido surgiram as seguintes orientações:

- Valorizar e estabelecer ligação à paisagem existente na envolvente e estabelecer equilíbrio no que nela existe com a nova proposta;

- Implantação de alguns equipamentos que estimulem o aspecto físico, mental e espiritual dos usufruidores.

Finalmente refere-se a linha orientadora de sustentabilidade, com gestão de recursos no uso de espécies autóctones, de menor exigência hídrica, e também de materiais de construção que não impliquem grandes custos económicos.

O programa definido procurou conjugar a Arquitetura existente com a Arquitetura Paisagista, da proposta, seguindo os seguintes pontos de abordagem ao projecto:

- Construção de jardim nos pátios interiores da unidade de saúde.
- Definição de áreas no interior dos pátios por onde se possa circular, conforme as características de cada pátio.
- Promoção de áreas ensombradas, com introdução de arbustivas junto às paredes, de forma a contrastar com a rigidez dos edifícios.
- Introdução de espécies, de cores fortes, em frente às janelas envidraçadas, com potencial nas relações visuais, a partir do interior das salas para os pátios.
- Introdução de equipamentos adequados à utilização de cada espaço.
- Introdução de equipamentos de apoio e lazer.
- Permissão de fruição do espaço.
- Promover a variedade de utilização dos espaços.
- Garantia de que os pátios tenham uma baixa manutenção.
- Inserção de sistema de rega, para minimizar os custos hídricos e de manutenção.
- Presença de mangueira de prevenção, para garantir o abastecimento de água à vegetação.

## **4.4 MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA**

### **4.4.1 Plano Geral**

A Unidade do Centro de Saúde de Portimão antigamente funcionou no anexo no interior do antigo Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Portimão, conhecido atualmente por Hospital de São Camilo. No dia 25 de Maio de 2012 abriu o novo Centro de Saúde que foi mandado construir pela ARS Algarve num espaço contíguo ao mesmo edifício, com uma arquitetura de acordo com as normas de ventilação, de luminosidade e de saúde atuais. Deste

modo surgiu o complexo de pátios interiores abertos, adjacentes às salas de trabalho. Apresenta-se agora uma proposta de intervenção para tornar estes pátios interiores convidativos a visitas e agradáveis aos sentidos, na ótica da Arquitetura Paisagista. Propõe-se elementos de composição vivos, equipamentos de estadia, descanso e apoio. Assim surgem quatro planos gerais dos pátios, para os quais foram adotadas designações de acordo com o tipo de vegetação dominante na proposta.

Ao Plano Geral do projeto de requalificação aqui apresentado correspondem as peças técnicas que explicam todo o projeto, englobando na sua composição todos os elementos representados nos restantes planos desenhados desagregados. A organização espacial abrange todos os espaços presentes nas áreas definidas para a proposta de intervenção (projeto de execução).

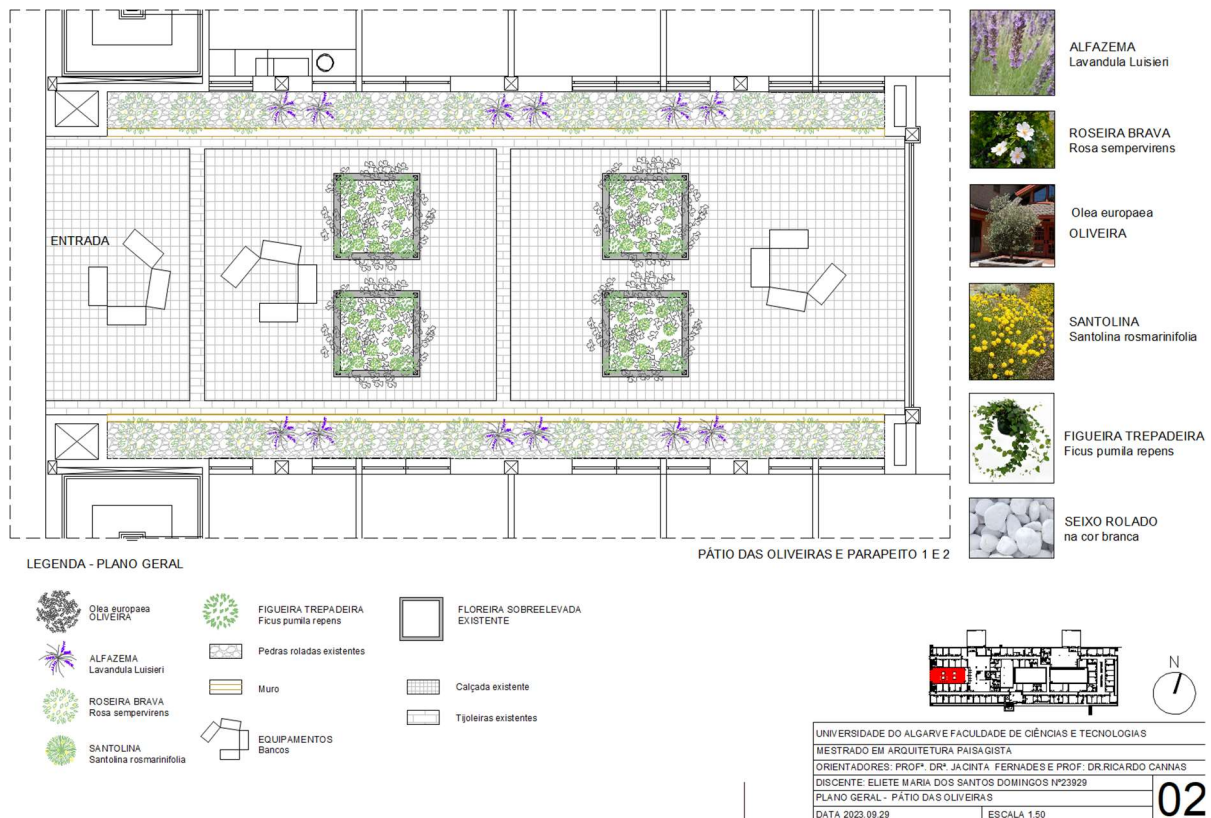
A área de estudo está decomposta em cinco locais – quatro espaços situados no piso zero, a que se atribui a designação de Pátio das Oliveiras, Pátio das Laranjeiras, Pátio das Romãzeiras e Parapeito Exterior, e o Pátio dos Medronheiros, localizado no piso 2. Portanto, foram elaborados cinco Planos Gerais que se descrevem abaixo, nesta memória descritiva e justificativa.

#### **4.4.2 Pátio das Oliveiras**

##### **– Estudo Prévio**

Trata-se de um espaço de forma retangular, interno, contíguo a salas de serviços da Unidade com acesso unicamente pelo exterior. Este pátio é limitado por paredes, com janelas envidraçadas que permitem a iluminação natural aos utilizadores das salas do edifício, ao mesmo tempo que constituem um potencial nas relações visuais do interior do edifício para o pátio. No Pátio das Oliveiras já existem estruturas edificadas - os dois parapeitos têm muretes de 0,86m de altura, ao nível das janelas, e quatro floreiras sobrelevadas, que estão a 0,143m do pavimento, situando-se duas a duas, paralelamente ladeadas pelos dois parapeitos referidos. Nas soluções preconizadas, numa primeira fase de trabalhos, no Pátio das Oliveiras não serão realizadas estruturas edificadas, pois a intervenção usa os muretes de suporte e contenção de terras, já existentes nas floreiras dos parapeitos encostados às paredes do edifício e nas floreiras sobrelevadas, situadas na parte central do pátio – Figura 4.9.

Figura 4.9 - Pátio das Oliveiras: Plano geral.



As relações visuais do pátio das Oliveiras com o exterior são muito significativas - em forma de U e tem vista para parte do jardim existente à volta da unidade. Este pátio, por se situar no piso zero, é acessível pelo exterior e será visível por quem contorna o edifício de automóvel e/ou a pé.

Também existe no piso zero, uma floreira designada neste projeto de Parapeito exterior. Paralela ao Pátio das Oliveiras, estabelece ligação com as salas dos parapeitos interiores deste pátio. Esta floreira, em parapeito de 1,04m de altura ao nível das janelas, tem uma ligação direta ao exterior, sendo vista através das janelas de serviço e por quem passa. Este Parapeito exterior abrange grande parte do edifício da unidade de saúde, adjacente ao passeio ou espaço de circuito pedonal em torno do edifício. Assim, será visualizado por quem circular a pé ou pela rodovia, que se segue ao espaço pedonal e faz a separação desta via do estacionamento automóvel e parte do jardim existente na envolvente da Unidade de Saúde (e pertencente a esta). Trata-se da cobertura de espaço expectante, resultante do projeto inicial da Unidade de Saúde, na tentativa de proporcionar uma faixa ornamental em frente das janelas, que beneficiassem os visualizadores de dentro e de fora do edifício. A solução preconizada no presente projeto para a cobertura

deste espaço expectante, que será visitável para efeitos de manutenção, de logística e de estadia, terá por base aspetos de natureza estética e sensorial, constituindo superfícies visualmente expostas para o edificado adjacente, para os visitantes, e para o exterior.

#### **- Projeto de Execução**

O Projeto de Execução desenvolve-se após a concretização do Estudo Prévio. O desenho da Arquitetura não sofreu modificações ao Estudo Prévio. Manteve-se as floreiras dentro do espaço com muretes de contenção de terras já existente. Os muretes dos parapeitos mantêm a altura. No parapeito exterior, o murete cumpre a sua função com a altura existente.

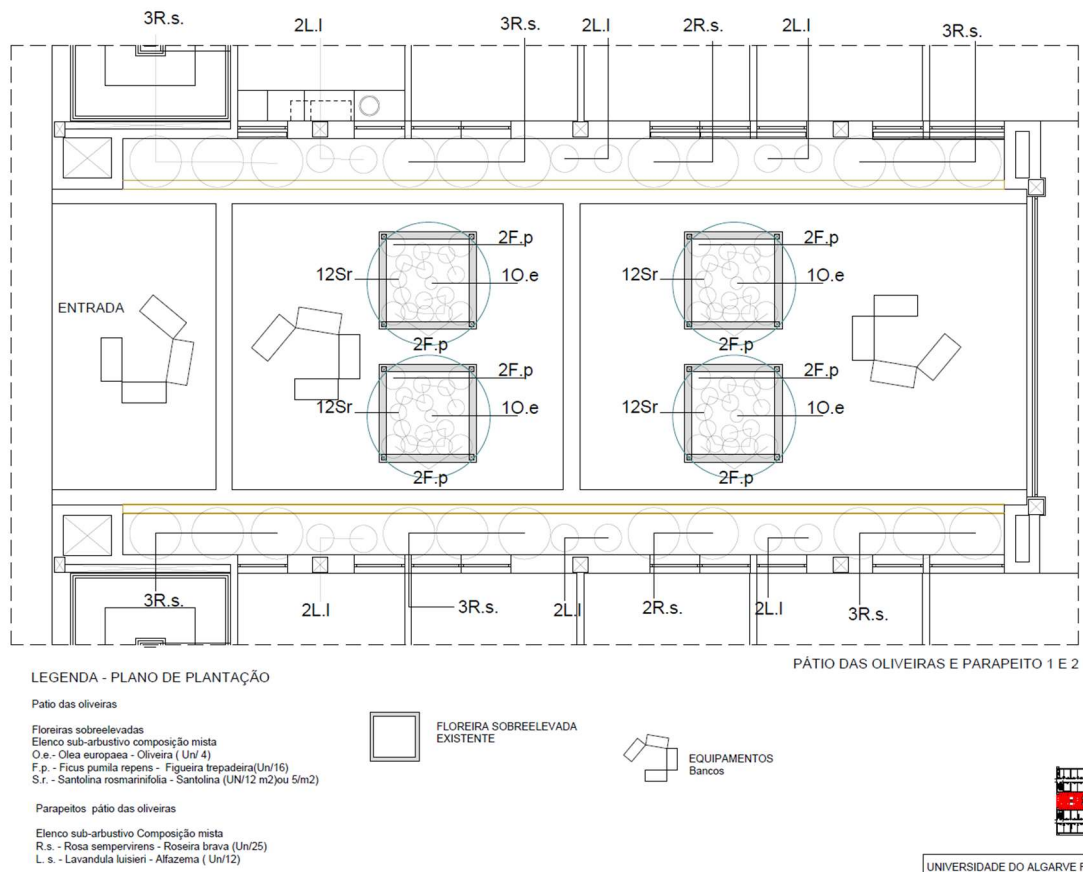
A modelação é muito contida e uniforme, não excedendo a cota das pedras roladas, colocadas abaixo do nível do capeamento do murete, desempenhando função estética, pela expressão de grande contraste com as cores e texturas envolventes, de proteção do solo, diminui a infiltração e o crescimento de infestantes.

#### **- Plano de Plantação: Árvores, arbustos, subarbustos e herbáceas**

A peça técnica intitulada de plano de plantação tem como pressuposto principal apresentar espacialmente o elenco de espécies propostas, conforme representado na Figura 4.10.

A vegetação surge como elemento de composição fundamental do espaço, adquire uma função plástica, isto é estrutural, na construção do projeto. No Pátio das Oliveiras surgem as floreiras sobrelevadas nos centros, nas quais se destacam a introdução da oliveira (*Olea europaea*), pela sua cor verde acinzentado, textura, rusticidade e beleza. Os muros brancos destas floreiras são bordejados pela trepadeira *Ficus pumila*, de cor verde. *Santolina rosmarinifolia*, planta aromática de flor amarela, reveste o solo das floreiras, estabelecendo um contraste cromático com as oliveiras e as trepadeiras. Os parapeitos que delimitam o espaço serão preenchidos por espécies que formam uma cortina verde, branco e rosa, de Roseira-brava (*Rosa sempervirens*), ao longo das paredes, interrompida pelas janelas envidraçadas que serão bordejadas por *Lavandula luisieri*, de cor verde e lilás, cuja verticalidade marca a diferença. A cobertura do solo das floreiras será constituída por pedras roladas de cor branca, constituindo um contraste interessante de cores.

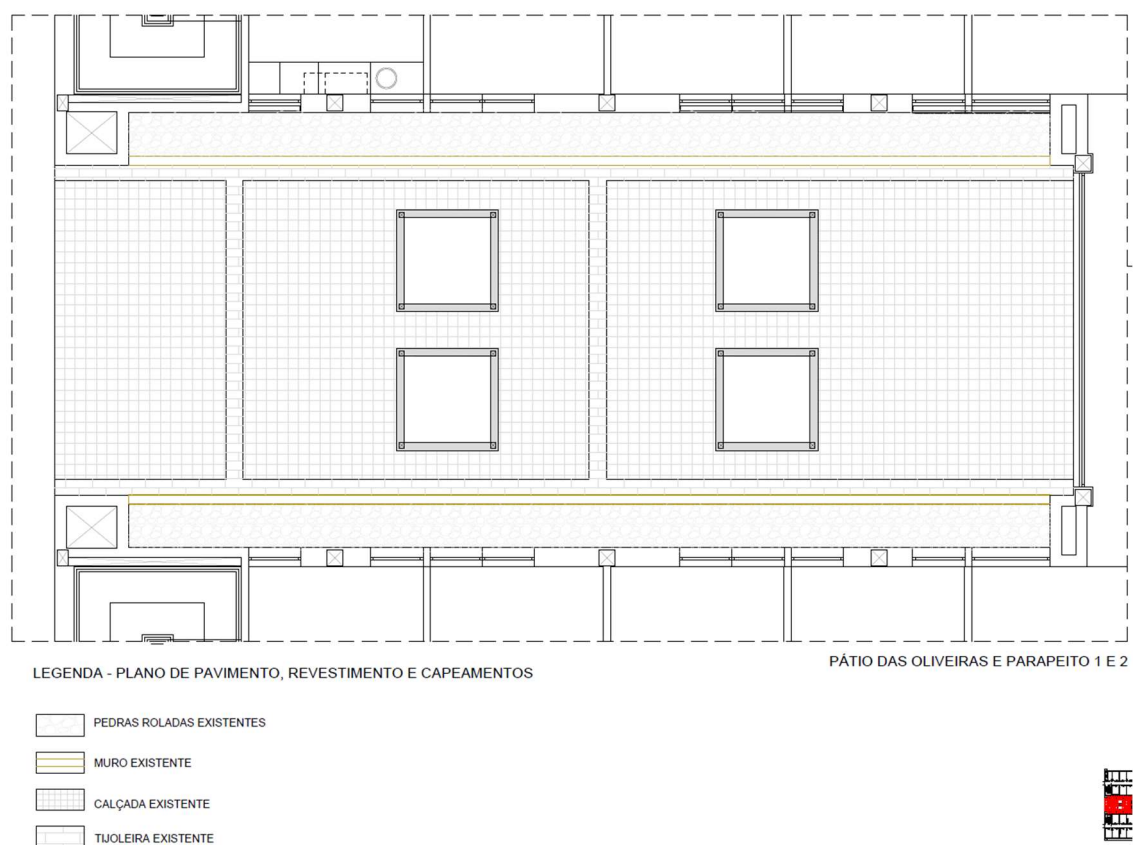
Figura 4.10 - Pátio da Oliveiras: Plano de plantação.



### - Plano de pavimentos e mobiliário urbano

O pavimento deste espaço materializa-se numa área pavimentada existente, em calçada de calcário, que é interrompido por faixas cinzentas de material pré-fabricado, a manter. O pavimento do Pátio das Oliveiras vai ser mantido, com a calçada portuguesa existente interrompida por lajes retangulares cinzentas. Sendo de fácil circulação, mas dado que adquire musgos no Inverno, para evitar escorregamentos pedonais, propõe-se a remoção dos musgos. Sobre este surge a proposta de bancos à entrada, para estadia, conviver e descansar. O pátio é ladeado por duas floreiras nos parapeitos que dão forma ao pátio e permitem a introdução da vegetação, que contribuirá para a diminuição da força do edificado e da rigidez do inerte. Optou-se por acrescentar o conjunto de bancos, que convidam ao descanso, reflexão e diálogo, para incentivar as pessoas a permanecer no local – Figura 4.11.

Figura 4.11 - Pátio da Oliveiras: Plano de pavimentos e mobiliário urbano.



Sobre pavimento em calçada de calcário interrompida por faixas cinzentas de material pré-fabricado surgem três conjuntos de bancos propostos. Como adquirem musgos no Inverno, para evitar escorregamentos pedonais, propõe-se a remoção com o produto apropriado. O pátio é ladeado por duas floreiras nos parapeitos que dão forma ao pátio e permitem a introdução da vegetação que contribuirá para a diminuição da força do edificado e da rigidez do inerte. Um conjunto de bancos convida ao descanso e à permanência das pessoas no local.

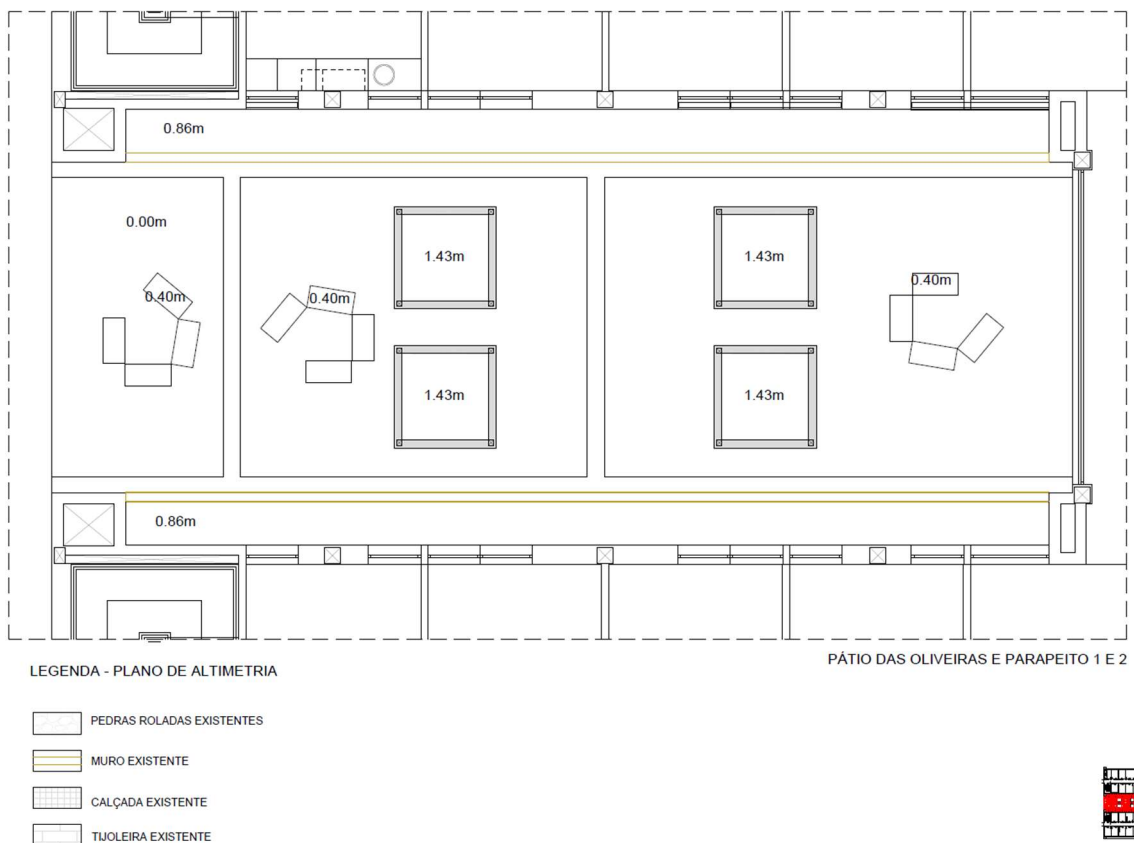
### - Plano de planimetria

Neste plano apresentam-se as alterações na modelação de terreno e as cotas finais do projeto (Figura 4.12). Mantiveram-se as floreiras dentro do espaço, com muretes de contenção de terras já existente. Os muretes dos parapeitos continuaram com as dimensões de 18.00mx1.00x0.86.00m, as floreiras sobreelevadas com 2.00m x 2.00m x 0,143m.

A modelação é muito contida e uniforme, não excedendo a cota das pedras roladas, colocadas abaixo do nível do capeamento do murete, desempenhando função estética, pela

expressão de grande contraste com as cores e texturas envolventes, de proteção do solo, no combate à infiltração e crescimento de infestantes. O Plano de Altimetria do Pátio das Oliveiras não teve modificações. é mantida a cobertura do solo das floreiras constituída por pedras roladas de cor branca, constituindo um contraste interessante de cores. O sistema de drenagem existente está ligado à rede pública de pluviais.

Figura 4.12 - Pátio das Oliveiras: Plano de planimetria.



### - Rega

O plano de rega é apresentado na Figura 4.13. Em todos os espaços do pátio e parapeitos optou-se por uma rega localizada, sob a forma de linhas de gotejadores e tubo de gotejamento de 16mm de diâmetro, que deverão ser colocados de acordo com o definido nas peças desenhadas.

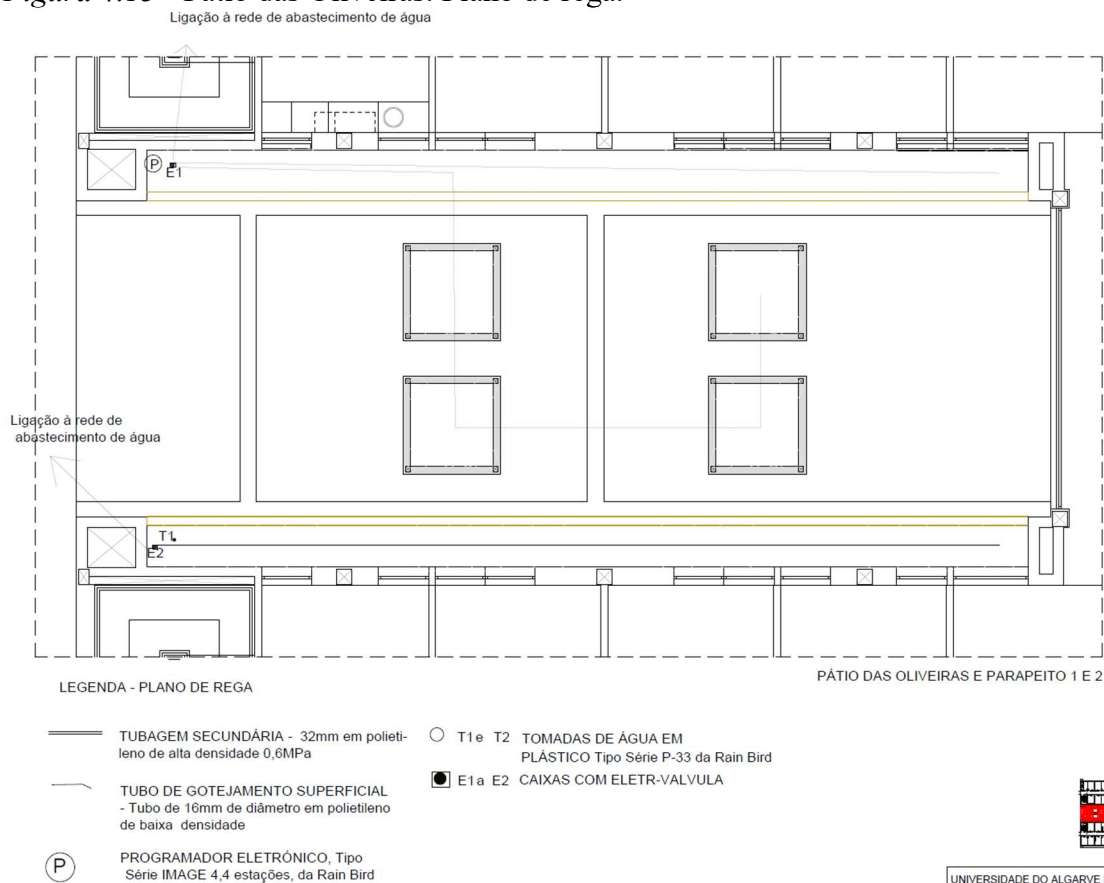
Para este equipamento de distribuição deverá ser respeitada uma pressão de funcionamento entre um mínimo de 2,0 bar e 3,0 bar.

Todo o sistema de condução é composto por tubagem enterrada, de polietileno de alta densidade de 32mm de diâmetro que deverá estar ligado à rede de abastecimento de água.

Todas as ligações deverão ser efetuadas com acessórios de ligação rápida, em Polipropileno. Ao todo existem 4 estações de rega, controladas automaticamente por electroválvulas ligadas a um programador, com capacidade para 4 estações, a instalar em local apropriado dentro do interior do edifício.

Caso o sistema de rega falhe existem tomadas de água instalada estrategicamente em pontos centrais dos pisos, sempre em carga, que permitem a rega manual e a limpeza das áreas pavimentadas através da utilização de mangueira.

**Figura 4.13 - Pátio das Oliveiras: Plano de rega.**



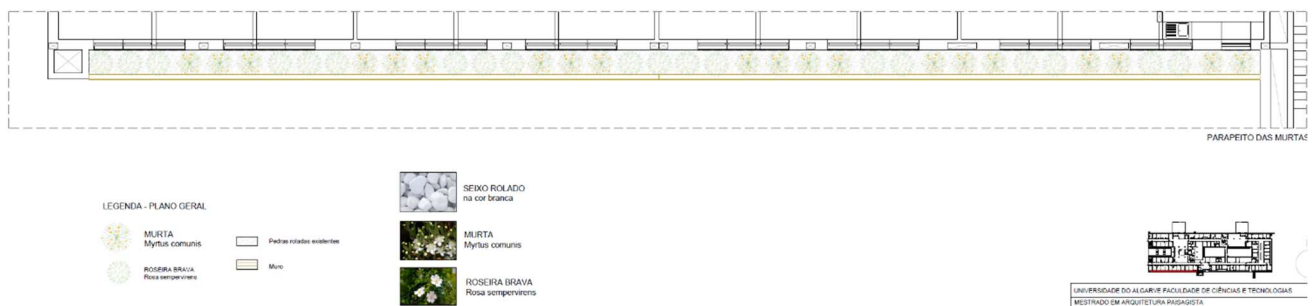
#### 4.4.3 Parapeito das Murtas

##### - Plano geral

Situada no piso zero, uma Floreira designada neste projeto por Parapeito das Murtas, estabelece ligação visual através das salas contíguas, que abrange grande parte do edifício da

unidade de saúde, adjacente ao passeio ou espaço de circuito pedonal em torno da unidade de saúde onde se localiza o parapeito. Esta floreira em parapeito de 1,43m de altura ao nível das janelas tem ainda uma ligação direta com o exterior (Figura 4.14). Trata-se de uma faixa ornamental em frente das janelas, que beneficiassem os visualizadores de dentro e de fora do edifício, apenas acessível pelo exterior.

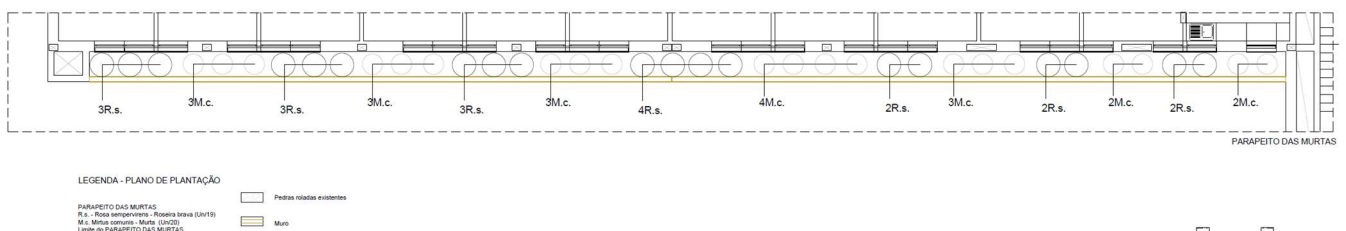
Figura 4.14 - Parapeito das Murtas: plano geral.



### - Plano de plantação

Propõe-se para esta floreira - Parapeito das Murtas (Figura 4.15), a plantação de duas espécies de grande potencial paisagístico, com contraste interessante no que concerne às cores: *Myrtus communis* (Murta), com as folhas de cor verde, as flores brancas e os frutos azulados marca escala em frente das paredes brancas do edifício: *Rosa sempervirens* – Roseira-brava, com folhas de cor verde avermelhada, corola branca e fruto ovóide vermelho, reveste a estrutura do murete que suporta a floreira, pintada também de branco.

Figura 4.15 - Parapeito das Murtas: plano de plantação.

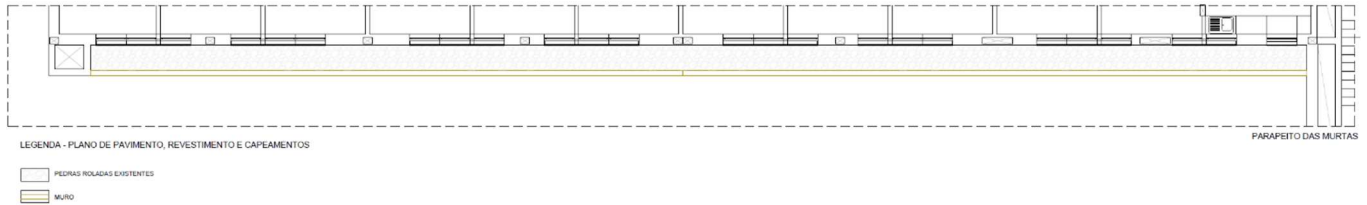


### - Plano de pavimentos

A cobertura do solo existente, de pedras roladas de cor branca, mantém-se como revestimento existente, desempenhando função decorativa, de contraste cromático com as

espécies introduzidas (Figura 4.16). Simultaneamente é uma solução limpa, económica e de baixa manutenção, conforme plano de pavimentos, que apresenta o revestimento de solo.

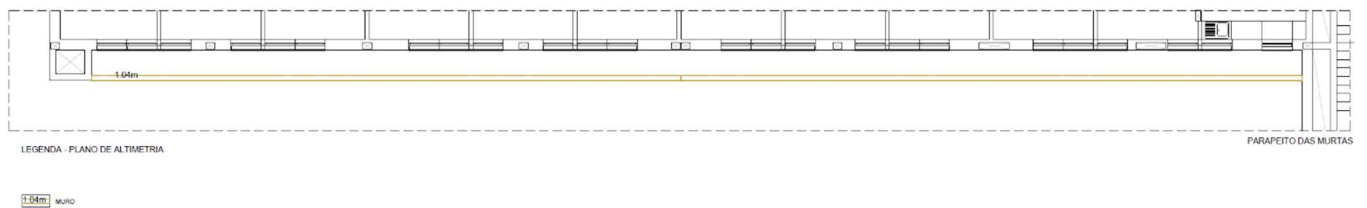
Figura 4.16 - Parapeito das Murtas: plano de pavimentos.



### - Planta de altimetria

O plano de altimetria apresenta-se com as mesmas dimensões originais, 1.00mx40.00mx1.043m. Também as pedras roladas de cor branca existentes foram mantidas, a desempenhar funções ornamentais e de proteção do solo (Figura 4.17).

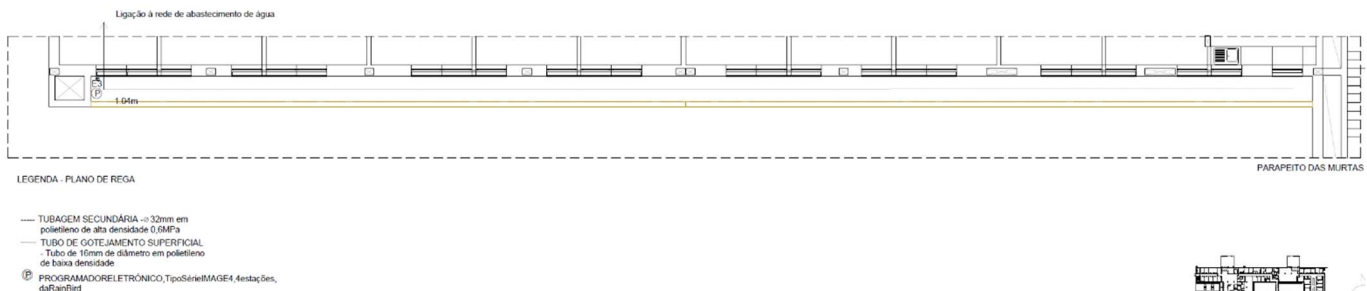
Figura 4.17 - Parapeito das Murtas: plano de altimetria.



### - Plano de rega

O plano de rega do parapeito das Murtas segue o tipo de sistema de rega descrito na peça técnica apresentada na Figura 4.18.

Figura 4.18 - Parapeito das Murtas: plano de rega.



#### 4.4.4 Pátio das Laranjeiras

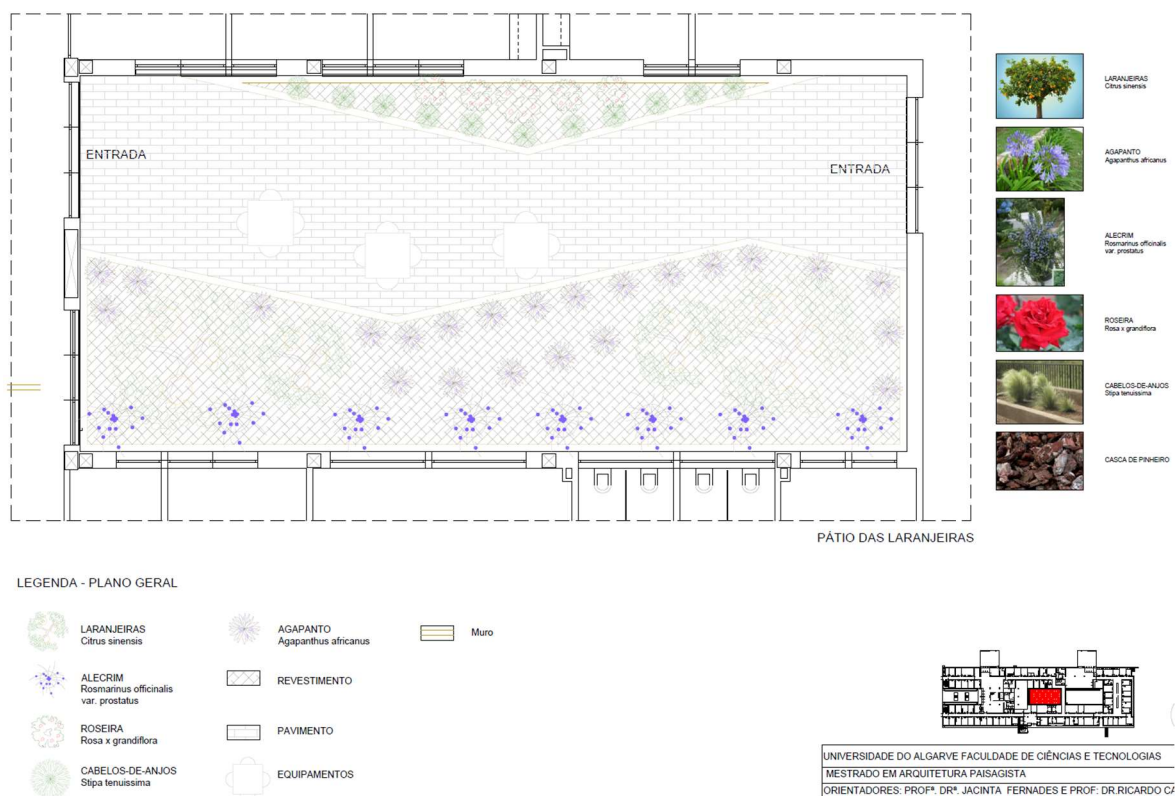
##### - Estudo prévio e Plano geral

Nas soluções arquitetónicas preconizadas aquando da construção da unidade de saúde, restou um espaço expectante ao nível do pavimento das salas do edifício, com o intuito de favorecer luz natural no piso zero. Neste pátio de forma quadrangular, evidenciam-se as janelas, que por um lado permitem iluminação natural e, por outro, constituem um potencial nas relações visuais, sobretudo do interior das salas para o exterior. Aqui se propõe a introdução da Laranjeira - *Citrus sinensis* - em dois canteiros.

Contíguo à sala de tratamentos de Fisioterapia, o Pátio das Laranjeiras tem duas entradas e ligações pelo interior da unidade. Os canteiros propostos são interrompidos por um espaço que cumpre a função de passagem.

O Projeto de Execução desenvolve-se após a elaboração do Estudo Prévio. O desenho da Arquitetura não sofreu modificações ao Estudo Prévio. Mantiveram-se os dois canteiros propostos para a introdução das floreiras, com muretes de contenção de terras com 0,40m de altura e 0,16m largura. A modelação é muito contida, não excedendo a cota mais alta os 0,55m. O plano geral de requalificação deste pátio é apresentado na Figura 4.19.

Figura 4.19 - Pátio das Laranjeiras: plano geral.

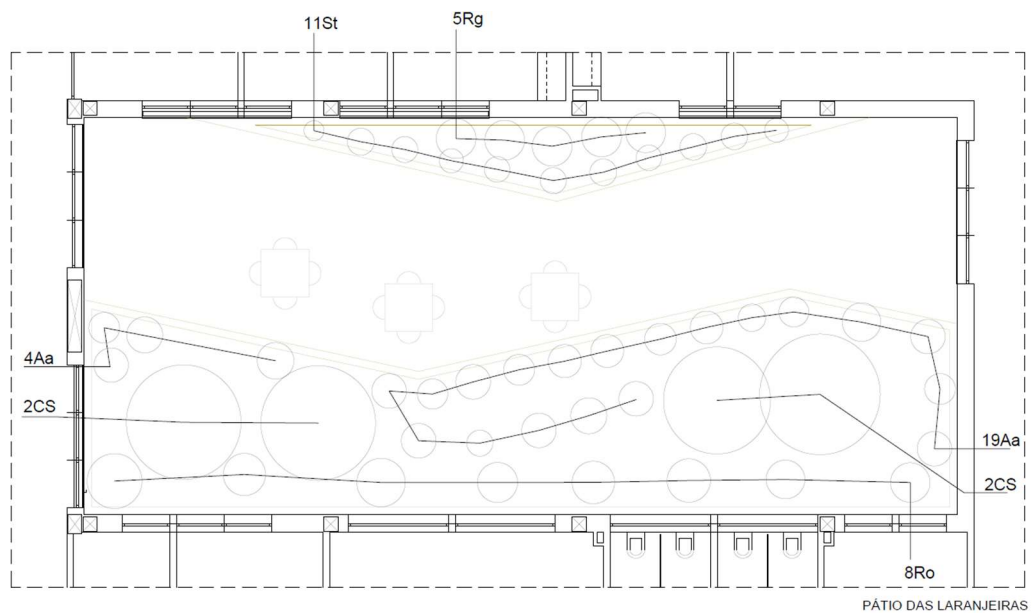


## - Plano de Plantação

A solução recomendada para o preenchimento do espaço teve por base aspetos estéticos constituindo uma superfície visualmente exposta para o edificado adjacente. É suposto que os canteiros depois de preenchidos com vegetação quebrem a regularidade e estaticismo inerente à forma do edificado envolvente. A dinâmica e o movimento, encontram-se nas formas, nas texturas e nas cores investidas na vegetação, estabelecida num jogo de variação das espécies de plantas.

No pátio das Laranjeiras marcam presença as laranjeiras - *Citrus sinensis* - pela cor, das folhas verde-claro, das flores brancas e dos frutos laranja. Formam um contraste perfeito com a cor verde-escuro de *Rosmarinus officinalis*, e a perenidade da sua folhagem e flores brancas aromáticas com copa de forma cónica a emoldurar as paredes, que delimitam os pátios entre as janelas (Figura 4.20). O alinhamento vertical destas plantas é interrompido pelas mais rasteiras, mais próximas da vista e do contacto das pessoas. Pretende-se que a introdução de espécies de cores vivas, e contraste de cores, incentivem a atividade dos doentes, e também dos saudáveis.

Figura 4.20 - Pátio das Laranjeiras: plano de plantação.



### LEGENDA - PLANO DE PLANTAÇÃO

- ÁRVORES
  - Cs - *Citrus sinensis* (UN/4)
- ARBUSTOS
  - Ro - *Rosmarinus officinalis* var. *prostratus* (UN/8)
  - Rg - *Rosa x grandiflora* (UN/5)
- HERBÁCEAS
  - St - *Stipa tenuissima* (UN/11)
  - Aa - *Agapanthus africanus* (UN/23)



EQUIPAMENTOS



UNIVERSIDADE DO ALGARVE FACULDADE DE ENGENHARIA  
MESTRADO EM ARQUITECTURA PAISAGIÇA  
ORIENTADORES: PROF. DR. JACINTO DE SAUS  
DISCENTE: ELIETE MARIA DOS SANTOS

Alecrim - *Rosmarinus officinalis* var. *prostratus* - e o Agapanto - *Agapanthus africanus* -, esparsos fazem ligação entre as laranjeiras. Estas sobressaem pelo porte e sobrelevação em relação às outras espécies, pela cor lisa e cinzenta dos troncos, a marcar o contraste com alecrim de cor verde-escuro e o agapanto de flores de cor lilás. A proposta engloba uma composição de grande valor ornamental e também reúne um conjunto de elementos pouco exigentes. Além do valor ornamental, estas plantas são úteis para as abelhas e para as borboletas. Estas espécies, autóctones e introduzidas (mas bem-adaptadas ao clima mediterrânico), proporcionam biodiversidade e consequente sustentabilidade no jardim.

Em frente no outro canteiro, separado por espaço de passagem de pessoas, as Rosas (*Rosa* x *Grandiflora*) e Cabelos de Anjo (*Stipa tenuissima*) desenvolvem-se, projetando-se no fundo branco da parede que as delimita.

A proposta engloba uma composição de grande valor paisagístico, também porque reúne um conjunto de elementos pouco exigentes e adaptados às condições edafo-climáticas do local. Além deste valor ornamental são úteis para as abelhas e para as borboletas, que são atraídos pelo néctar das flores. As espécies introduzidas estão adaptadas ao clima mediterrânico, proporcionando biodiversidade e consequente sustentabilidade no sistema ecológico deste jardim.

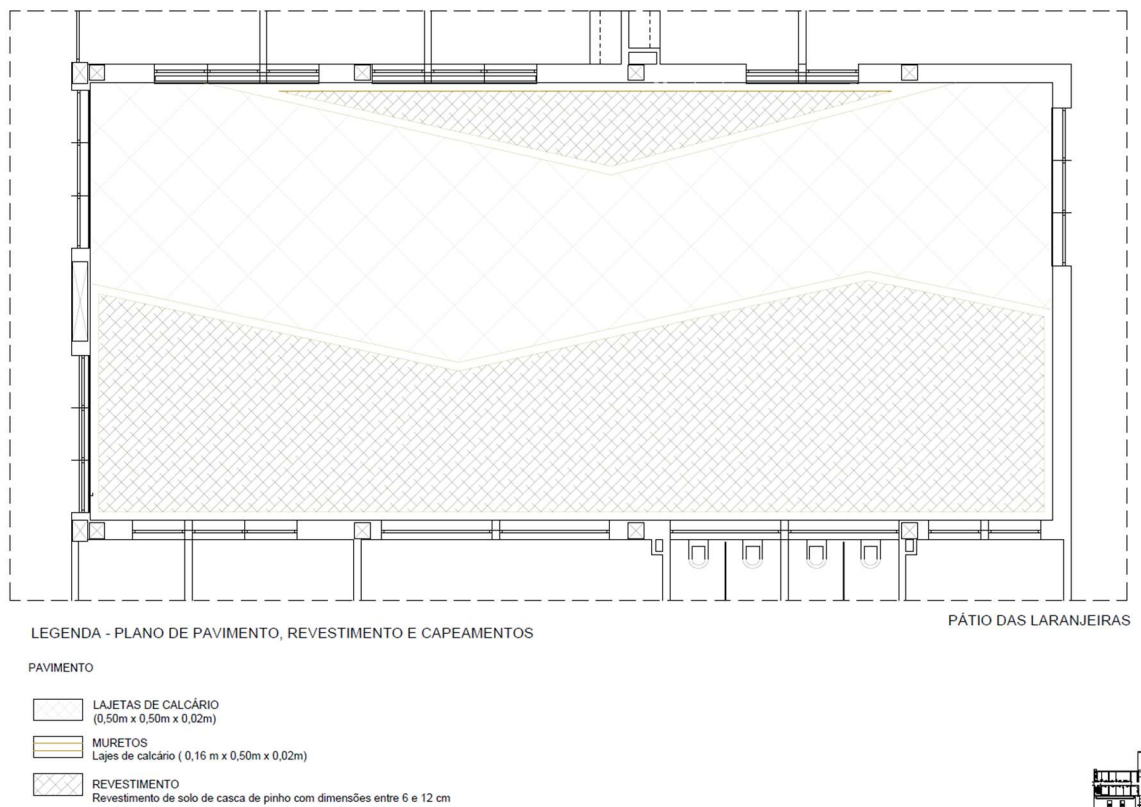
A solução recomendada para o preenchimento do espaço teve por base aspetos estéticos constituindo uma superfície visualmente exposta para o edificado adjacente. É suposto que a vegetação proposta para os canteiros quebre a regularidade e estaticismo inerente à forma do edificado envolvente. Porquanto, a dinâmica e o movimento, encontram-se nas formas, texturas e cores investidas na vegetação, estabelecida num jogo de variação das espécies de plantas.

O revestimento do solo com casca de pinho assume uma expressão de grande contraste com as cores e texturas que o envolvem, os vários tipos de verde e colorido das espécies de plantas, os tamanhos, formas e texturas, com o castanho (da casca de pinho). A casca de pinho cumpre a função de não permitir que possíveis infestantes se desenvolvam, mantém a humidade do solo é biodegradável, sendo ainda produto biológico e decorativo.

## - Plano de pavimentos, revestimentos, capeamentos e mobiliário urbano

Como se representa na peça desenhada (Figura 4.21), pretende-se que este pátio seja um complemento da sala de serviços de Fisioterapia, com três mesas e doze cadeiras de apoio, para servir de estadia local, de zona de circulação interior, que possa cumprir também a função de passagem e de logística.

Figura 4.21 - Pátio das Laranjeiras: plano de pavimentos e mobiliário urbano.



A área pavimentada, limitada pelos canteiros, é composta por lajes de calcário, com dimensões de 0,50mx0,50mx0,02m, proporcionando no conjunto um caminhar agradável e um bom suporte para o mobiliário do pátio.

Os muretes dos canteiros que encerram a área pavimentada, são também revestidos e capeados com lajes do mesmo tipo, de forma a permitirem uma continuidade de leitura das superfícies inertes. Assim, a estereotomia das lajes do pavimento define a estereotomia das lajes de revestimento e capeamento, conseguindo-se uma compatibilidade das juntas das lajes na passagem do plano horizontal (do pavimento) para o plano vertical (do revestimento do muro), que

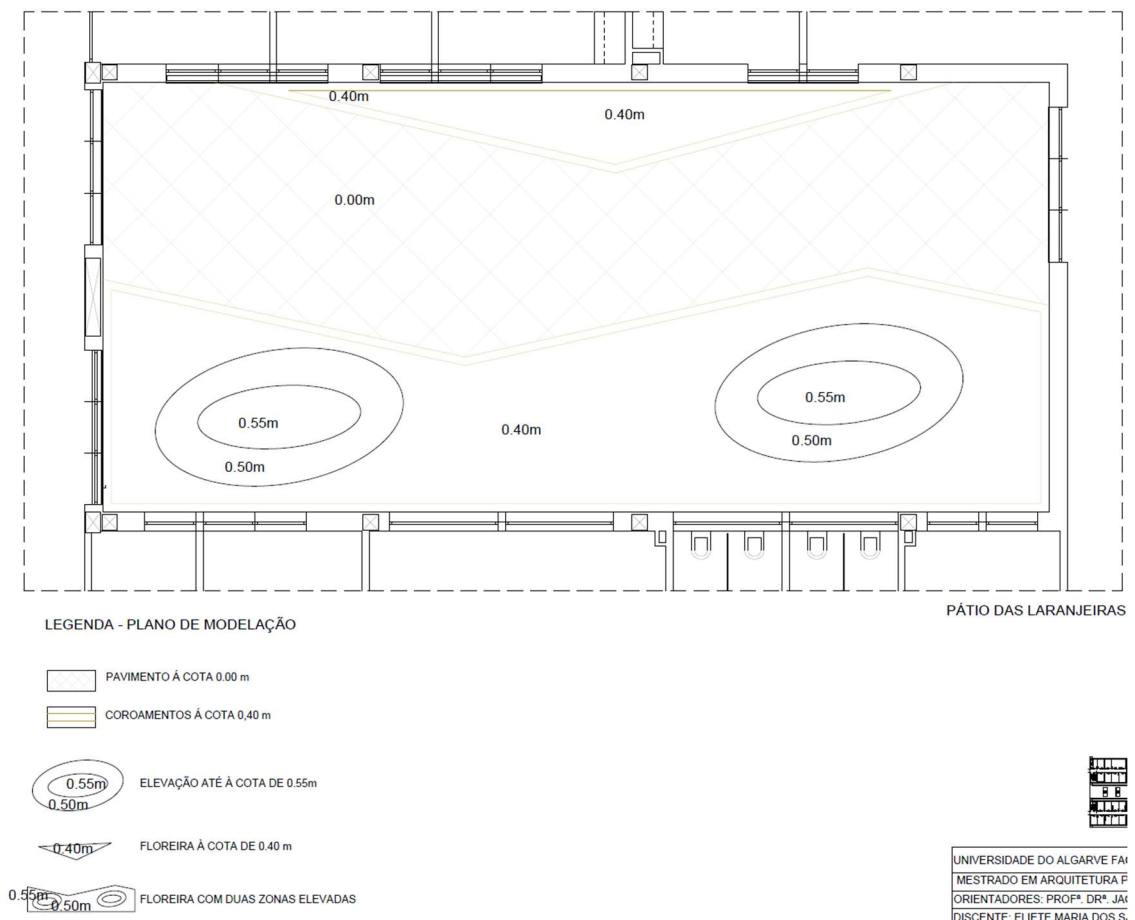
por sua vez passa novamente para o plano horizontal (do capeamento do muro).

As lajes do pavimento serão assentes através de uma argamassa de assentamento, sobre a placa de cobertura do pátio, depois da impermeabilização da camada drenante. As lajes do revestimento e de coroamento serão assentes através de argamassa de assentamento sobre os tijolos de contenção de terras. As dimensões das lajes de coroamento serão cortadas para encaixarem com as lajes de revestimento dos muretes, com as dimensões de 0,50mx0,16mx0,02m.

### - Plano de Altimetria

A peça técnica intitulada plano de planimetria surge para auxiliar a execução da proposta de intervenção, onde existe a representação espacial num plano horizontal dos elementos que constituem o projeto de execução, estabelecendo pontos de referência e relações entre esses elementos (Figura 4.22).

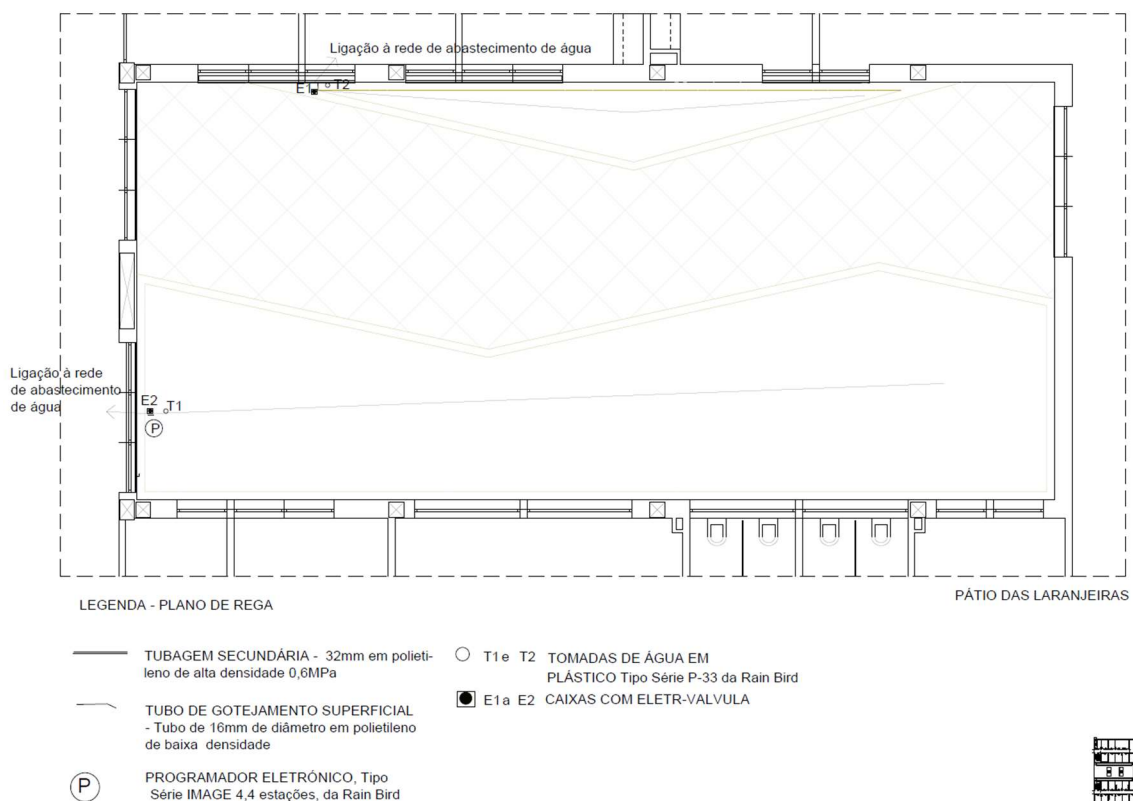
Figura 4.22 - Pátio das Laranjeiras: plano de altimetria.



## - Plano de rega

Optou-se por rega localizada, sob a forma de linhas de gotejadores e tubo de gotejamento de 16mm de diâmetro, que deverão ser colocadas de acordo com as peças desenhadas. Para este equipamento de distribuição deverá ser respeitada uma pressão de funcionamento entre 2,0 bar e 3,0 bar. Todo o sistema de condução é composto por tubagem enterrada, de polietileno de alta densidade de 32mm de diâmetro que deverá estar ligado à rede de abastecimento de água. Todas as ligações deverão ser efetuadas com acessórios de ligação rápida, em polipropileno. A estação de rega controlada automaticamente por electroválvulas ligadas a um programador, a instalar em local apropriado dentro do edifício adjacente. Caso o sistema de rega falhe existe uma tomada de água instalada estrategicamente num ponto central do rés-do-chão sempre em carga, que permite a rega manual e a limpeza da área pavimentada através da utilização de mangueira. O plano de rega deste pátio é apresentado na figura 4.23.

Figura 4.23 - Pátio das Laranjeiras: plano de rega.



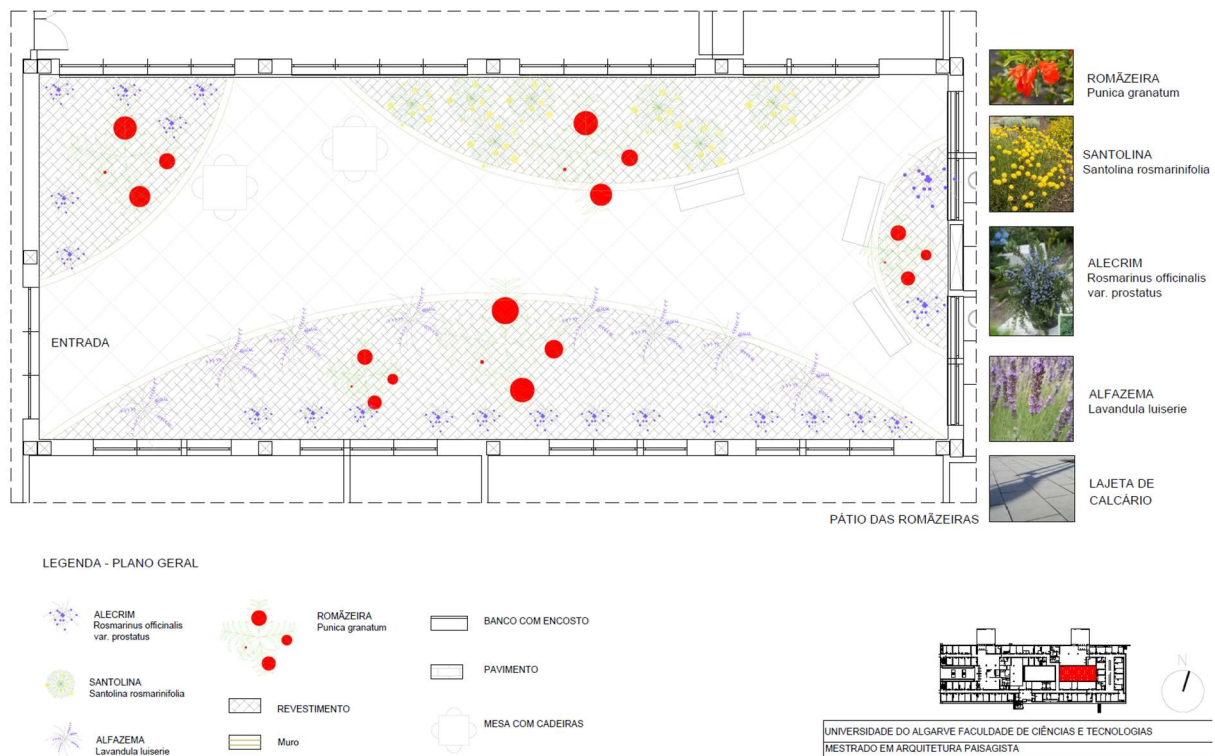
#### 4.4.5 Pátio das Romãzeiras

##### - Plano geral

Na solução arquitetônica preconizada com o intuito de favorecer luz às salas do edifício, originou, ao nível do piso zero, o aparecimento de outro espaço expectante dentro do edificado da unidade de saúde. Com forma quadrangular, evidenciam-se, neste pátio, as faixas envidraçadas, que por um lado permitem iluminação natural deste equipamento e que, por outro, constituem um potencial nas relações visuais, sobretudo do interior do edifício para o exterior. Nos lados Norte e Oeste, a delimitação do pátio é formalizada, em parte, por estruturas de vidro, noutras partes por parede opaca: a Sul e Este, o pátio é limitado por paredes rasgadas por janelas de vidro; a ala Oeste, por onde se faz a entrada para o pátio, é separada do Pátio das Laranjeiras por um corredor de serviço e de logística. As relações visuais com o exterior não são muito significativas, sendo a entrada de luz solar pouco intensa, uma vez que se situa ao nível do Réz-do-chão, e as paredes que isolam o espaço têm a altura de dois pisos. O edifício, neste piso, compreende Gabinetes de consultórios médicos, de Enfermagem, de Farmácia, de Telefones, de Recepção e Administrativos. Estes serviços apresentam uma ligação apenas visual com o pátio. Este espaço, antes da intervenção, é visitável apenas para efeitos de manutenção.

A opção para o preenchimento do espaço tem por base aspetos estéticos constituindo uma superfície visualmente exposta para o edificado adjacente. Surgem quatro canteiros propostos, com formas que quebram a regularidade e estaticismo inerente à forma retangular do edificado envolvente. A dinâmica e o movimento encontram-se nas formas dos canteiros, das texturas e das cores investidas na vegetação, estabelecida num jogo de variação das espécies de plantas. A única acessibilidade do pátio localiza-se na ala Oeste, assume o papel como ponto de ligação entre uma zona social interior, e o exterior a este, as zonas dos outros pisos. Os equipamentos de descanso e estadia, nomeadamente três bancos de costas, duas mesas e oito cadeiras de apoio, onde se poderá descansar, conviver, estudar, são adequados à sua função, os elementos vivos plantados formarão uma superfície contínua, de cores verdes e coloridas - Figura 4.24.

Figura 4.24 - Pátio das Romãzeiras: plano geral.



A vegetação aparece como elemento fundamental de composição do espaço, onde adquire uma função plástica ao preencher os quatro canteiros. O pátio que ganhou o nome pela introdução das espécies arbustivas propostas, Romãzeiras, dispõe de uma única entrada e um espaço a separar os canteiros com alguns equipamentos de descanso e estadia, nomeadamente bancos de encosto, mesas e cadeiras. O Pátio das Romãzeiras configura um espaço interior fechado, com um único acesso, que é separado do pátio das laranjeiras por um corredor. Tem uma entrada de acesso. Usufruirá de possibilidade de estadia, onde se poderá estar, conviver, estudar. Dispõe de espaço de apoio e manutenção junto a uma escada de acesso à cobertura. A filosofia do jardim deste pátio continua a ser, de preferência, para ser visualizado do seu exterior contíguo, ou seja, através das janelas das salas de serviços e do corredor de circulação. A sugestão de introduzir um espaço de estadia com mesas, cadeiras e bancos, surge na tentativa de tornar o espaço convidativo a visitantes. A introdução de canteiros com elementos vivos encostados às paredes, surge para minimizar o impacto do material inerte negativo causado na sensibilidade das pessoas. Os elementos vivos plantados formarão uma superfície contínua, de cores verdes e coloridas, que disfarçam/minimizam o aspeto negativo obrigatório das paredes existentes no

edifício funcional da unidade de saúde.

Como o jardim é visualizado através das janelas envidraçadas e para que todos observadores tenham idênticos ângulos de visão, na disposição dos elementos vegetais, as espécies de maior porte são colocadas mais afastadas e as de menor porte nas proximidades dos observadores. Não há uma simetria, mas umas formas para distorcer/disfarçar o efeito das linhas geométricas das paredes do edificado. Esta disposição florística constitui um modesto contributo/benefício de diversão visual, para utentes e acompanhantes exercitarem os sentidos enquanto esperam na sala de espera contígua.

O desenho foi ligeiramente alterado proporcionando algumas modificações ao Estudo Prévio, sendo elas:

- O solo sofreu uma modelação criando uma elevação de 0,15m, a partir dos muretes de 0,40m de altura, que embora pouco significativa, estabelece a impressão de uma floreira de maior dimensão, atingindo o canteiro a elevação de 0,55m.

- As espécies de plantas de maior porte - Romãzeiras - marcam os pontos mais altos, de forma a elevar as plantas do nível do solo ao nível dos olhos do observador. O Plano de Planimetria evidencia num plano horizontal os elementos que constituem o projeto de execução, para ajudar na realização do mesmo.

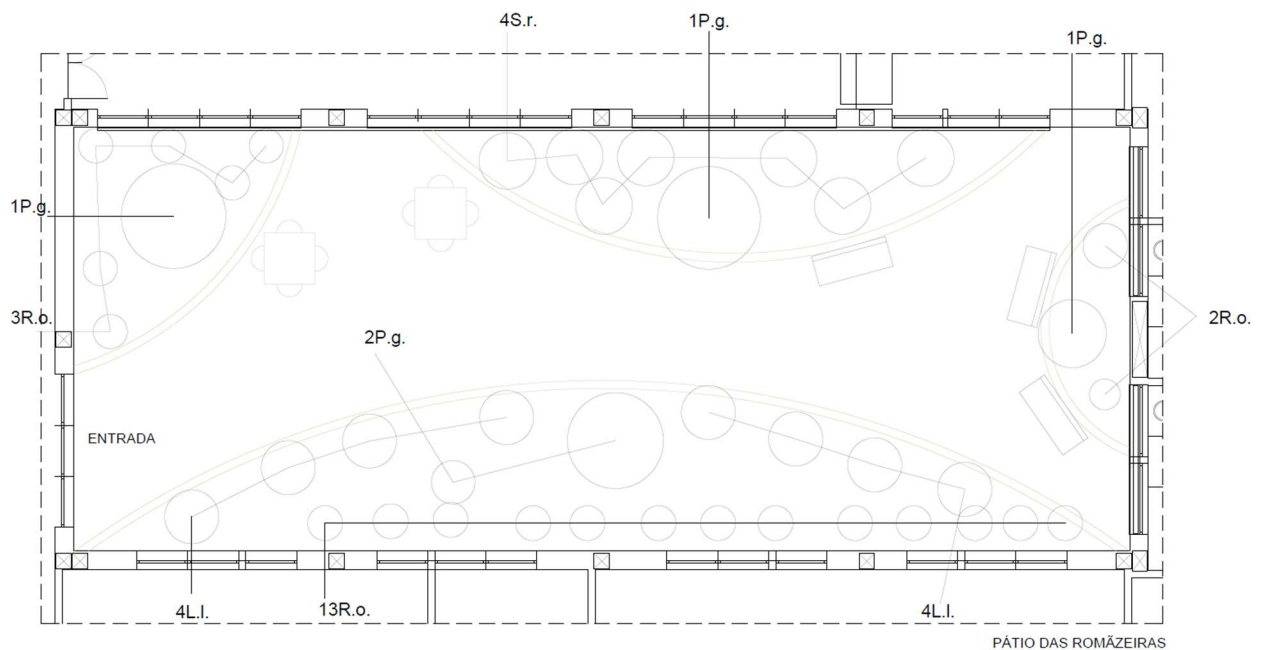
#### **- Plano de plantação de arbustos, subarbustos e herbáceas**

O Pátio das Romãzeiras é composto por quatro floreiras (Figura 4.25), destacando-se a primeira à entrada lateral esquerda, ala Oeste, onde sobressai um exemplar de *Punica granatum* a contrastar com o Alecrim. A Sul, surgem duas romãzeiras, cujo contraste verde e avermelhado com o verde acinzentado das folhas e o lilás das flores de *Lavandula luisieri* e aroma de ambas são bem marcados. Encostada às paredes, estende-se um alinhamento de Alecrim, que garante o enquadramento da faixa Sul durante todas as estações do ano. No canteiro do lado Norte, revestido por um exemplar de *Punica granatum* e uma cobertura de *Santolina rosmarinifolia* (Santolina), que produz um arranjo conseguido com a cor e o aroma das Santolinas, desempenha a sua função estética e sensorial sobretudo aos utentes da sala de espera contígua, que são os visualizadores mais assíduos deste jardim.

No corredor que separa o canteiro situado em frente da entrada pode-se descansar sobre bancos de costas e contemplar as vistas para os outros canteiros revestidos uma com outro

exemplar de Romãzeira e alguns exemplares de *Lavandula luisieri*. Na ala direita em relação à entrada surge um jogo de Romãzeiras implantadas a cotas superiores, para assumirem maior relevo, formando um conjunto florístico distinto com pequenas sebes a revestir as paredes de cor branca de *Rosmarinus officinalis* var. *prostratus*, nos limites das floreiras, e umas plantas esparsas de *Lavandula luisieri*, que pela cor, contraste e aroma proporcionam uma sensação agradável aos sentidos e paz de espírito. De salientar as propriedades das Romãzeiras no que concerne à sua variação fenológica ao longo das estações do ano, na Primavera e no Verão compostas de flores e frutos avermelhados sucessivamente, no Outono e Inverno despidas de folhas, formam uma cortina de esculturas entre as pequenas sebes de *Rosmarinus officinalis* var. *prostratus*. As alfazemas intercaladas, revestem o restante espaço, formando enquadramento. Na proposta a cobertura de solo é a casca de pinho, cuja cor contrasta com o colorido das plantas, além de cumprir a função estética também protege o solo.

Figura 4.25 - Pátio das Romãzeiras: plano de plantação.



LEGENDA - PLANO GERAL

P.g. - Punica granatum - ROMÃZEIRA (UN/5)

L.I. - Lavandula luisieri - ALFAZEMA (UN/8)

R.o. - Rosmarinus officinalis variedade Prostratus - Alecrim (UN/22)

S.r. - Santolina rosmarinifolia - Santolina (UN/7)

BANCO COM ENCOSTO

MESA COM CADEIRAS



UNIVERSIDADE DO ALGARVE FACULDADE DE CIÊNCIAS

## **- Plano de pavimentos, revestimentos e capeamentos**

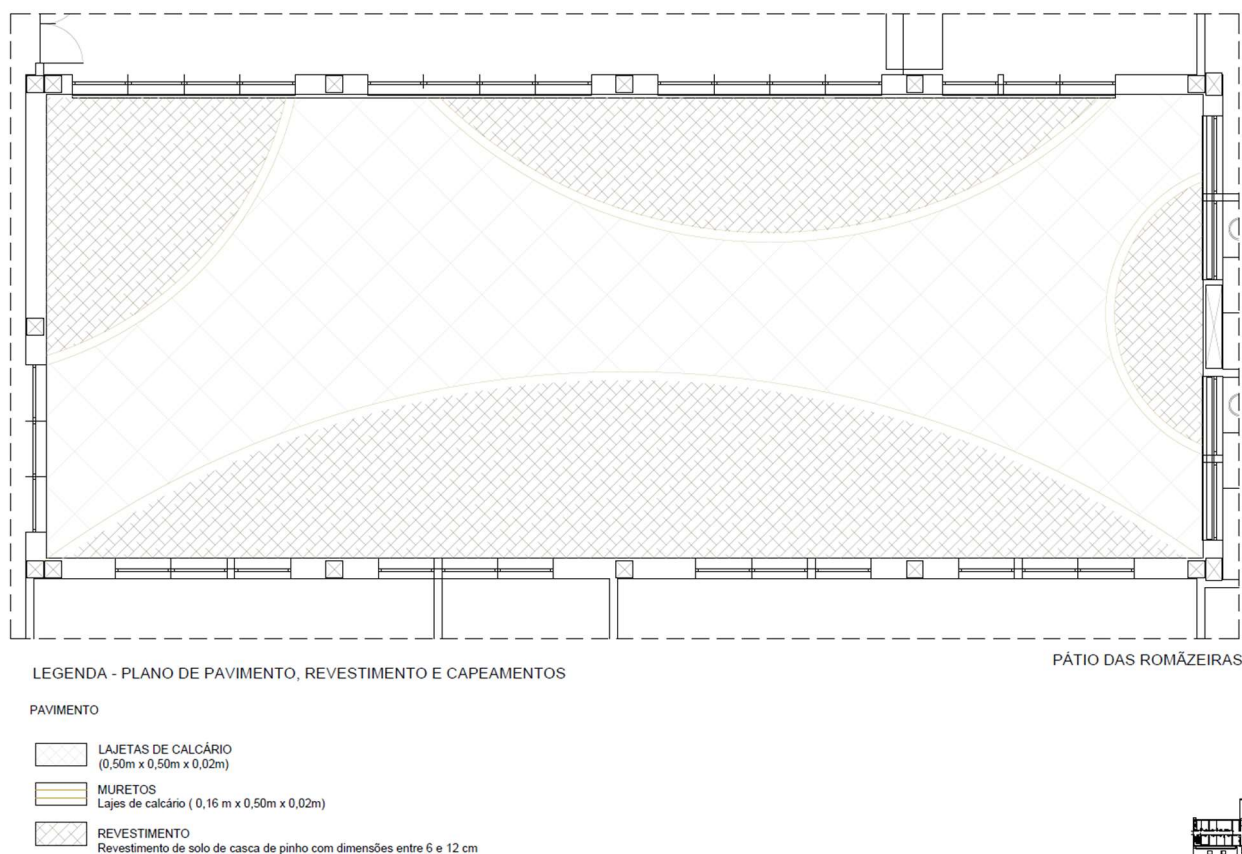
A solução recomendada para o preenchimento do espaço terá por base aspetos estéticos, constituindo uma superfície visualmente exposta para o edificado adjacente. Surgem canteiros propostos, com formas que quebram a regularidade e estaticismo inerente à forma quadrada do edificado envolvente. A dinâmica e o movimento encontram-se nas formas, texturas e cores da vegetação usada, estabelecida num jogo de variação das espécies de plantas.

A única acessibilidade do pátio localiza-se na ala Oeste, assume o papel como ponto de ligação entre uma zona social interior, e o exterior, a Este, a zonas dos outros pisos. A definição de áreas com pequenos muretes, onde se pode sentar, dão forma a canteiros sobrelevados que permitem a introdução de alguma vegetação, que contribuirá para a diminuição da força do edificado e da dureza do inerte. Pretende-se que a expressão das cores, das texturas e das formas, ao longo do dia e as estações do ano, mantenham uma dinâmica considerável, que incentive a utilização deste pátio.

A área pavimentada pretende-se confortável e neutra no impacto ao caminhar. Daí a opção de tonalidades suaves, texturas pouco expressivas e homogéneas. O elemento laje de calcário parece ser o mais apropriado e no conjunto proporciona um caminhar agradável e um bom suporte para o mobiliário do pátio. O revestimento e coroamento dos muretes será efetuado em elementos de calcário.

A área pavimentada, limitada pelos canteiros sobre elevados, é composta por lajes de calcário, com dimensões de 0,50mx0,50mx0,02m, proporcionando no conjunto um caminhar agradável e um bom suporte para o mobiliário do pátio. Os muretes que encerram a área pavimentada são também revestidos e capeados com lajes do mesmo tipo, de forma a permitirem uma continuidade de leitura das superfícies inertes, assim a estereotomia das lajes do pavimento define a estereotomia das lajes de revestimento e capeamento conseguindo-se uma compatibilidade das juntas das lajes na passagem do plano horizontal (do pavimento) para o plano vertical (do revestimento do muro) que sua vez passa novamente para o plano horizontal (do capeamento do muro) - Figura 4.26.

Figura 4.26 - Pátio das Romãzeiras: plano de pavimentos, revestimentos e capeamentos.

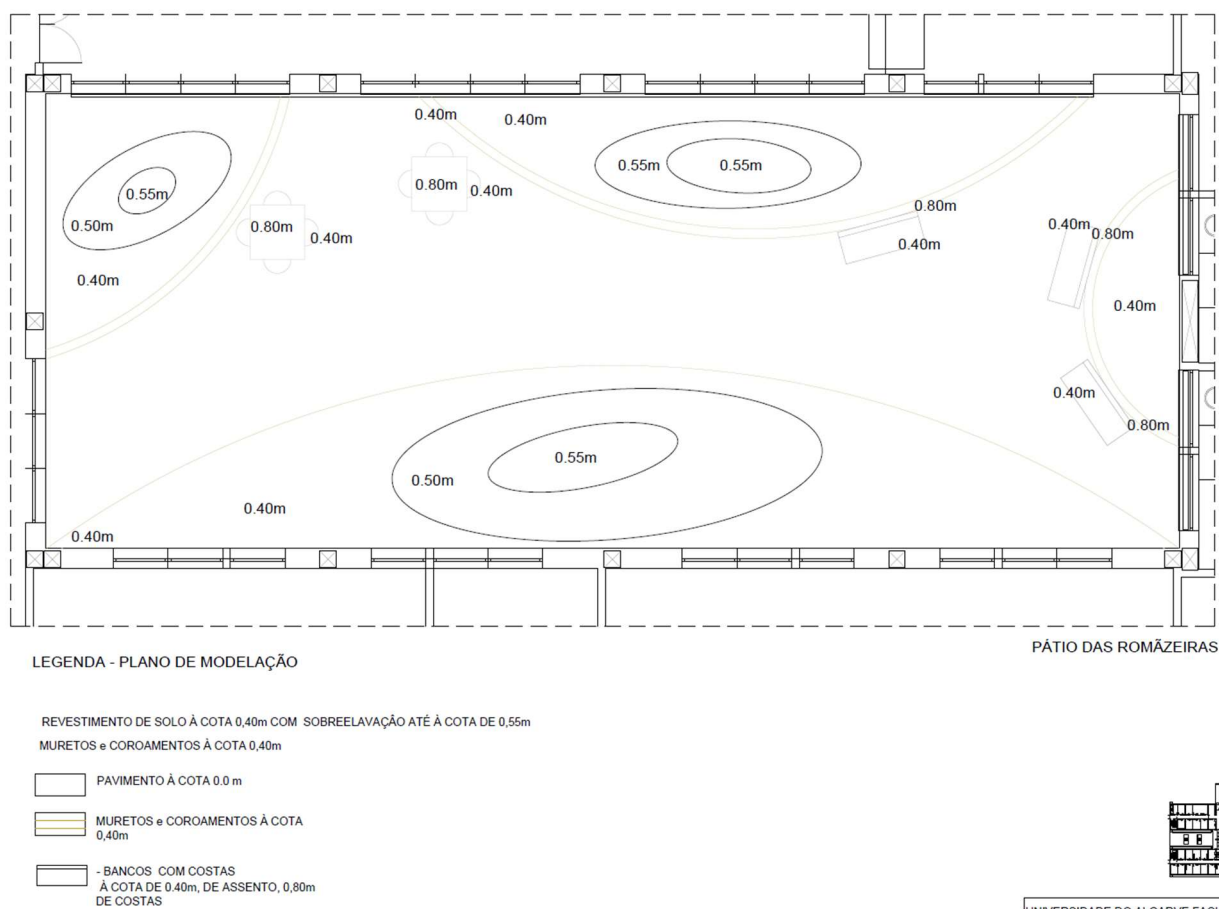


### - Plano de altimetria

A peça técnica intitulada plano de altimetria surge para auxiliar na execução da proposta de intervenção, uma representação espacial num plano horizontal dos elementos que constituem o projeto de execução, estabelecendo pontos de referência e relações entre esses elementos - Figura 4.27.

O Projeto de Execução desenvolve-se após a elaboração do Estudo Prévio. Os quatro canteiros propostos para a introdução das floreiras com muretes de contenção de terras com 0,40m de altura e 0,16m largura, tem uma elevação de 0,15m, pelo que a cota mais alta atinge 0,55m.

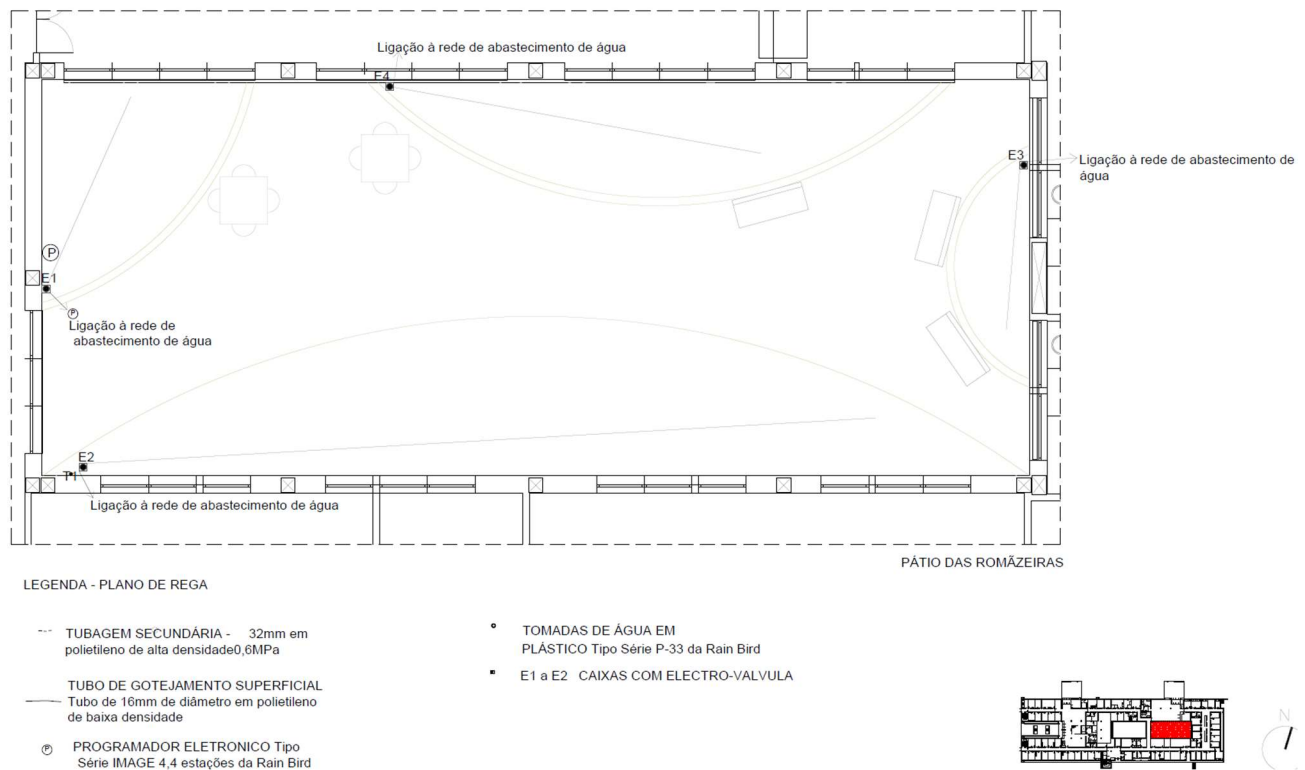
Figura 4.27 - Pátio das Romãzeiras: plano de planimetria.



### - Plano de rega

Optou-se por rega localizada, sob a forma de linhas de gotejadores e tubo de gotejamento de 16mm de diâmetro, que deverão ser colocadas de acordo com as peças desenhadas (Figura 4.28). Para este equipamento de distribuição deverá ser respeitada uma pressão de funcionamento entre 2,0 bar e 3,0 bar. Todo o sistema de condução é composto por tubagem enterrada, de polietileno de alta densidade de 32mm de diâmetro que deverá estar ligado à rede de abastecimento de água. Todas as ligações deverão ser efetuadas com acessórios de ligação rápida, em polipropileno. A estação de rega controlada automaticamente por electroválvulas ligadas a um programador, a instalar em local apropriado dentro do edifício adjacente. Caso o sistema de rega falhe existe uma tomada de água instalada estrategicamente num ponto central do piso rés-do-chão, sempre em carga, que permite a rega manual e a limpeza da área pavimentada através da utilização de mangueira.

Figura 4.28 - Pátio das Romãzeiras: plano de rega.



#### 4.4.6 Pátio dos Medronheiros

##### - Plano Geral

Na solução arquitetónica preconizada com o intuito de favorecer luz nas salas do edifício, originou, ao nível do piso 2, o aparecimento um espaço de pequena dimensão. Com uma forma quadrangular, neste pátio evidenciam-se as faixas envidraçadas, que, por um lado, permitem iluminação natural e, por outro, constituem um potencial nas relações visuais, sobretudo do interior do pátio para o exterior, neste caso, os corredores acessíveis às salas contíguas. Nos lados opostos, o Norte e o Sul, a delimitação do pátio é formalizada em parte por estruturas de vidro, outra parte por parede opaca; a Oeste, o pátio é limitado apenas por estrutura opaca, que se prolonga para a frente Norte, por onde se faz a entrada para o pátio. A ala Nordeste envidraçada fornece luz natural, enquanto, a Este, prolonga-se uma parede a tapar a vista. As relações visuais com o exterior não são muito significativas, sendo a entrada de luz solar muito intensa, uma vez que se situa ao nível do último piso e as paredes que isolam o espaço medem menos de 3 metros de altura. O edifício, no piso 2, compreende um Gabinete de Direção, Gabinetes

administrativos, Biblioteca, Cafeteria, salas de reunião e apresenta uma ligação direta com o pátio. Este também é visitável para efeitos de manutenção da cobertura.

O plano geral para o Pátio dos Medronheiros está representado na Figura 4.29.

Figura 4.29 - Pátio dos Medronheiros: plano geral.



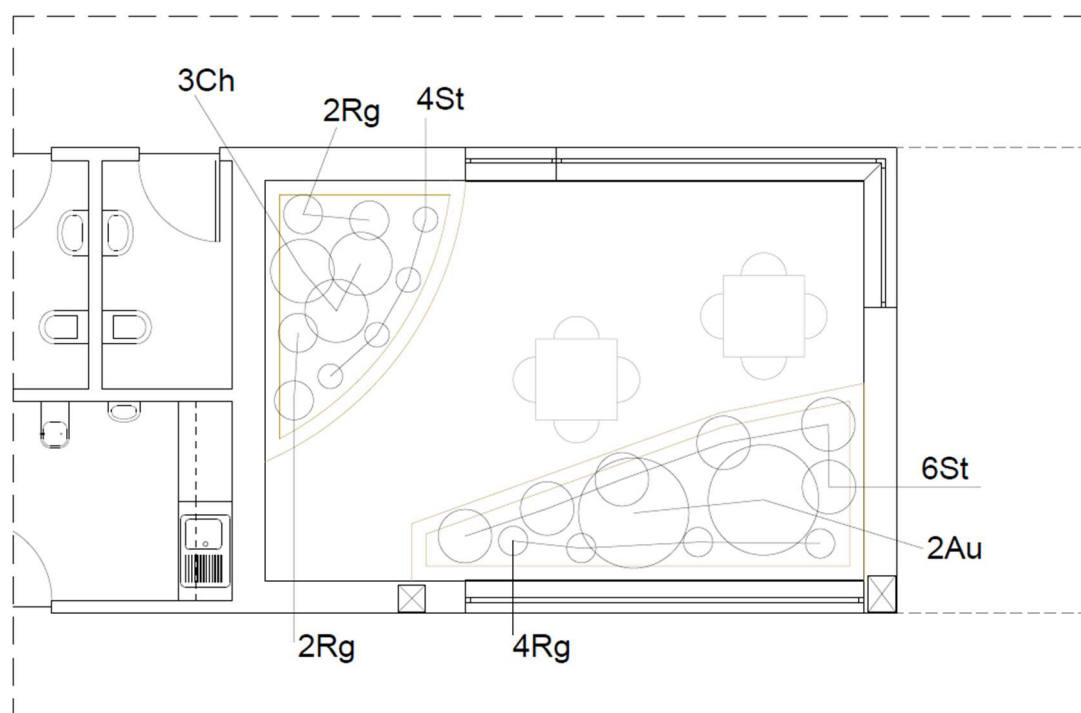
Constituindo uma superfície visualmente exposta para o edificado adjacente, a solução recomendada para o preenchimento do espaço terá por base aspetos estéticos. Surgem canteiros, propostos, com formas que quebram a regularidade e estaticismo inerente à forma quadrada do edificado envolvente. A dinâmica e o movimento encontram-se nas formas, texturas e cores investidas na vegetação, estabelecida num jogo de variação das espécies de plantas. A única acessibilidade do pátio localiza-se na ala norte, que assume o papel de ponto de ligação entre uma área social interior, o pátio e o exterior deste, as zonas de logística e de passagem do piso 2.

### - Plano de plantação de arbustos, subarbustos e herbáceas

A vegetação aparece como elemento fundamental de composição do espaço, onde adquire uma função plástica ao preencher os canteiros, na ala sul, com exemplares de *Arbutus unedo* - Medronheiro, cuja copa arredondada e irregular, tronco castanho e tortuoso, marcam o espaço por contraste com o inerte do edificado quadrangular, e ganha expressão graças à modelação de terreno moderada, onde se aplica uma cobertura de casca de pinho. Os ramos do Medronheiro são eretos e, quando jovens, avermelhados, as folhas, de cor verde oblongas de margem serrada e com brilho seroso na página superior. As flores em forma de cálice, corola branca, surgem de Setembro a Fevereiro, simultaneamente com os frutos do ano anterior. Os frutos – medronhos - são redondos, de superfície granulosa, vermelhos, laranja antes de totalmente maduros, com polpa amarela. Formam-se no final do outono, amadurecendo até ao outono do ano seguinte, pelo que há grande variação de cores ao longo do ano. Estas plantas arbustivas de textura fina e densa marcam o espaço por contraste com a imagem dominante do edificado. A oeste um canteiro adjacente à parede do edificado é preenchido por *Chameorops humilis*. A Palmeira-em leque estabelece o contraste pela textura, pela cor e volumetria, fazendo o efeito cromático pretendido sobre o revestimento de casca de pinho. Esta cumpre a função estética, de proteção de solo e de cobertura. *Rosa grandiflora* e *Stipa tenuissima* são duas espécies vegetais herbáceas ou sub-arbustivas que completam o jogo de composição – Figura 4.30.

Revestimento em casca de pinho assume uma expressão de grande contraste com as cores e texturas que o envolvem, vários tipos de verde da vegetação, e castanho (da casca de pinho) e vários tamanhos e formas de folhas. A casca de pinho cumpre a função de não permitir que possíveis infestantes se desenvolvam.

Figura 4.30 – Plano de plantação.



LEGENDA - PLANO GERAL

PÁTIO DOS MEDRONHEIROS

ARBUSTOS

A.u.- Arbutus unedo (UN/2)

C.h.-Chamaerops humilis (UN/3)

HERBÁCEAS

R.g. - Rosa x grandiflora (UN/8)

S.t. - Stipa tenuissima (UN/10)



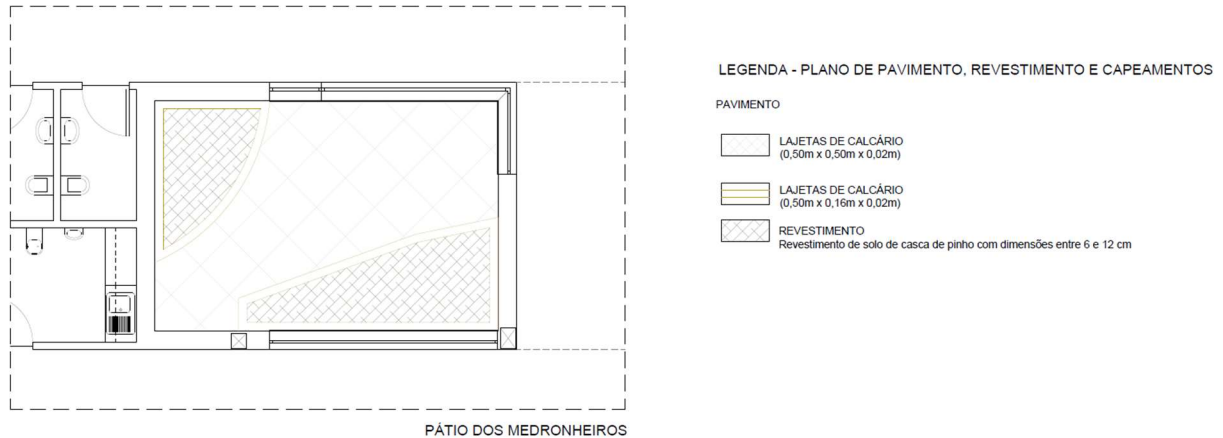
EQUIPAMENTOS

### - Plano de Pavimentos, revestimentos e capeamentos

A área pavimentada, limitada pelos canteiros sobrelevados, é composta por lajes de calcário, com dimensões de 0,50m x 0,50m x 0,02m, proporcionando, no conjunto, um caminhar agradável e um bom suporte para o mobiliário do pátio. Os muretes que encerram a área pavimentada são também revestidos e capeados com lajes do mesmo tipo, de forma a permitirem uma continuidade de leitura das superfícies inertes. Assim, a estereotomia das lajes do pavimento define a estereotomia das lajes de revestimento e capeamento, conseguindo-se uma compatibilidade das juntas das lajes na passagem do plano horizontal (do pavimento) para o plano vertical (do revestimento do muro) que sua vez passa novamente para o plano horizontal (do capeamento do muro) – Figura 4.31.

Lajes de Calcário serão assentes através de uma argamassa de assentamento, diretamente sobre a placa de cobertura do piso 2, depois da impermeabilização e da camada drenante.

Figura 4.31 - Pátio dos Medronheiros: plano pavimentos, revestimentos e capeamentos.

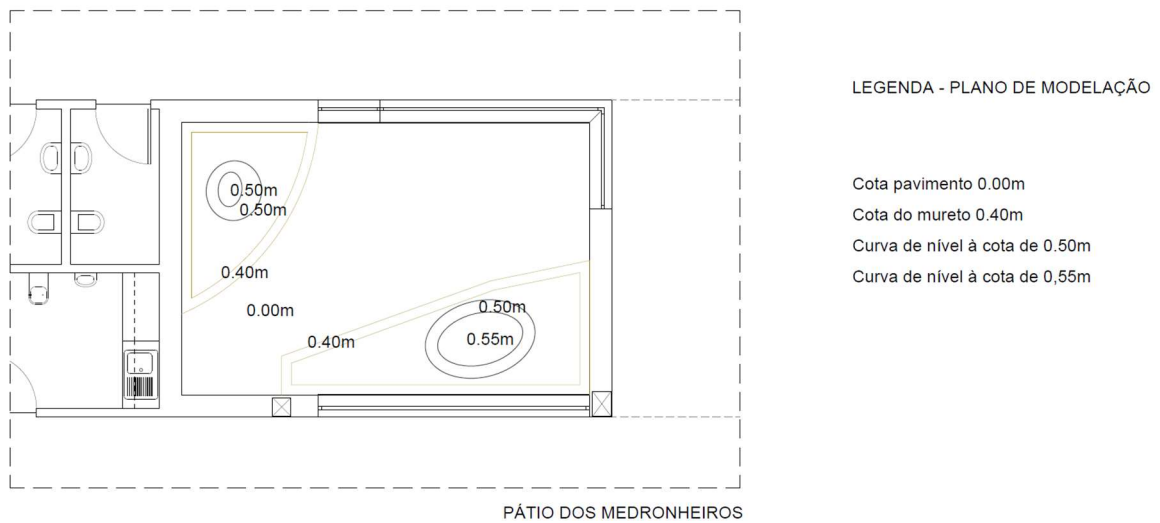


A área pavimentada, limitada pelos canteiros sobre elevados, é composta por lajes de calcário, com dimensões de 0,50mx0,50mx0,02m, proporcionando no conjunto um caminhar agradável. Os coroamentos de lajes de calcário de 0,50 m x 0,16m x0,02m completam a este-reotomia dos muretes - Figura 4.31.

#### - Plano de altimetria

A modelação de terreno do Pátio dos Medronheiros prevê uma elevação do volume de terra de 0,15m de altura, ou seja, o murete dos canteiros tem 0,40m de altura e o ponto mais elevado é de 0,55m – Figura 4.32. As espécies de plantas de maior porte marcam os pontos mais altos, as mais rasteiras as revestem o solo.

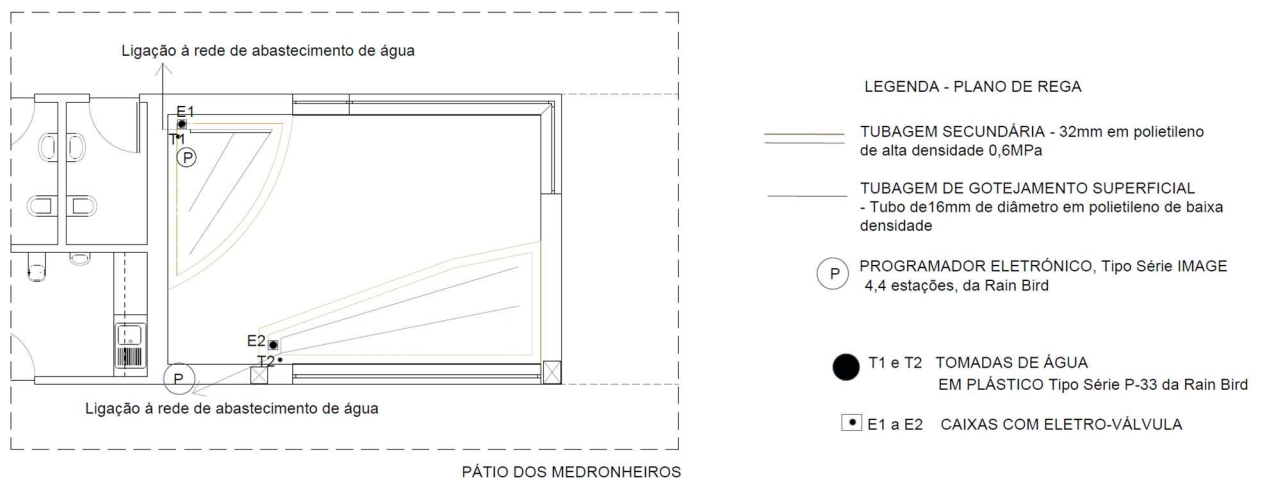
Figura 4.32 - Pátio dos Medronheiros: plano de altimetria.



### - Plano de Rega

O plano de rega deste canteiro é apresentado na figura 4.33. Optou-se por rega localizada, sob a forma de linhas de gotejadores e tubo de gotejamento de 16mm de diâmetro, que deverão ser colocadas de acordo com as peças desenhadas. Para este equipamento de distribuição deverá ser respeitada uma pressão de funcionamento entre 2,0 bar e 3,0 bar. Todo o sistema de condução é composto por tubagem enterrada, de polietileno de alta densidade de 32mm de diâmetro que deverá estar ligado à rede de abastecimento de água. Todas as ligações deverão ser efetuadas com acessórios de ligação rápida, em polipropileno. A estação de rega controlada automaticamente por electroválvulas ligadas a um programador, a instalar em local apropriado dentro do edifício adjacente. Caso o sistema de rega falhe existe uma tomada de água instalada estrategicamente num ponto central do piso 2, sempre em carga, que permite a rega manual e a limpeza da área pavimentada através da utilização de mangueira.

Figura 4.33 - Pátio dos Medronheiros: plano de rega.



#### 4.5 ELENCO FLORÍSTICO E MOBILIÁRIO URBANO

O plano de plantação desta proposta é constituído por árvores, arbustos, subarbustos e herbáceas, cuja seleção atendeu aos seguintes critérios: características conceptuais, espaciais e funcionais das espécies; outras características da espécie – não ser infestante, invasora, venenosa, alérgica – Tabela 4.1.

Tabela 4.1 – Descrição e caracterização do Elenco florístico proposto.

<b>Espécie</b>	<b>Nome vulgar</b>	<b>Compasso plantação (m)</b>	<b>Quantidade total</b>	<b>Caraterísticas da planta</b>
<i>Olea europaea</i>	Oliveira	3	4	Autóctone
<i>Rosa sempervirens</i>	Roseira brava	1,2	44	Autóctone
<i>Ficus pumila repens</i>	Figueira trepadeira	0,5	6	Introduzida (ornamental)
<i>Agapanthus africanus</i>	Agapanto	0,5	23	Introduzida (ornamental)
<i>Lavandula luisieri</i>	Alfazema	0,8	20	Autóctone
<i>Stipa tenuissima</i>	Cabelos-de-anjo	0,25	21	Introduzida (ornamental)
<i>Rosa x grandiflora</i>	Roseira	1	13	Introduzida (ornamental)
<i>Myrtus communis</i>	Murta	1	21	Autóctone
<i>Punica granatum</i>	Romãzeira	4	5	Introduzida (ornamental; agrícola)
<i>Santolina rosmarinifolia</i>	Santolina	5/m <sup>2</sup>	14	Autóctone
<i>Chamaerops humilis</i>	Palmeira-de-leque	1,5	3	Autóctone
<i>Citrus sinensis</i>	Laranjeira	2	5	Introduzida (agrícola)
<i>Arbutus unedo</i>	Medronheiro	1,5	2	Autóctone
<i>Rosmarinus officinalis</i> var. <i>prostratus</i>	Alecrim	1	30	Autóctone (ornamental)

Acrescente-se ainda que serão necessários, para além do material vegetal, um total de 134 sacos de 70 litros de casca de pinheiro para revestimento dos canteiros.

A tabela 4.2 apresenta uma descrição das características dos pavimentos propostos e a tabela 4.3, as características do mobiliário urbano.

Tabela 4.2 – Descrição e caracterização dos pavimentos propostos.





<b>Designação e características</b>	<b>Imagem ilustrativa</b>
Laje de calcário para pavimento Dimensão: 0,50mx0,50mx0,02m Cor acinzentada	
Lajes de calcário para coroamento Dimensão: 0,50mx0,16mx0,02m Cor acinzentada	

Tabela 4.3 – Descrição e caracterização do mobiliário urbano proposto.

<b>Designação e características</b>	<b>Imagem ilustrativa</b>
Banco com costas de jardim orquídea verde; Dimensão: 145cmx49cmx74cm)	
Conjunto de mesa e quatro cadeiras dobráveis em madeira de Teca Pira	

## Mesa e bancos de jardim



## 4.6 CORTES

Os três cortes abaixo apresentados – dos pátios das Oliveiras, das Laranjeiras e dos Medronheiros - representam projeções verticais dos elementos nos planos horizontais, e pretendem auxiliar a compreensão das alturas dos elementos presentes na proposta (Figura 4.34 a 4.36). A indicação das linhas de corte está assinalada nos respectivos planos gerais, também apresentados nestas figuras.

Figura 4.34 - Corte do Pátio das Oliveiras.

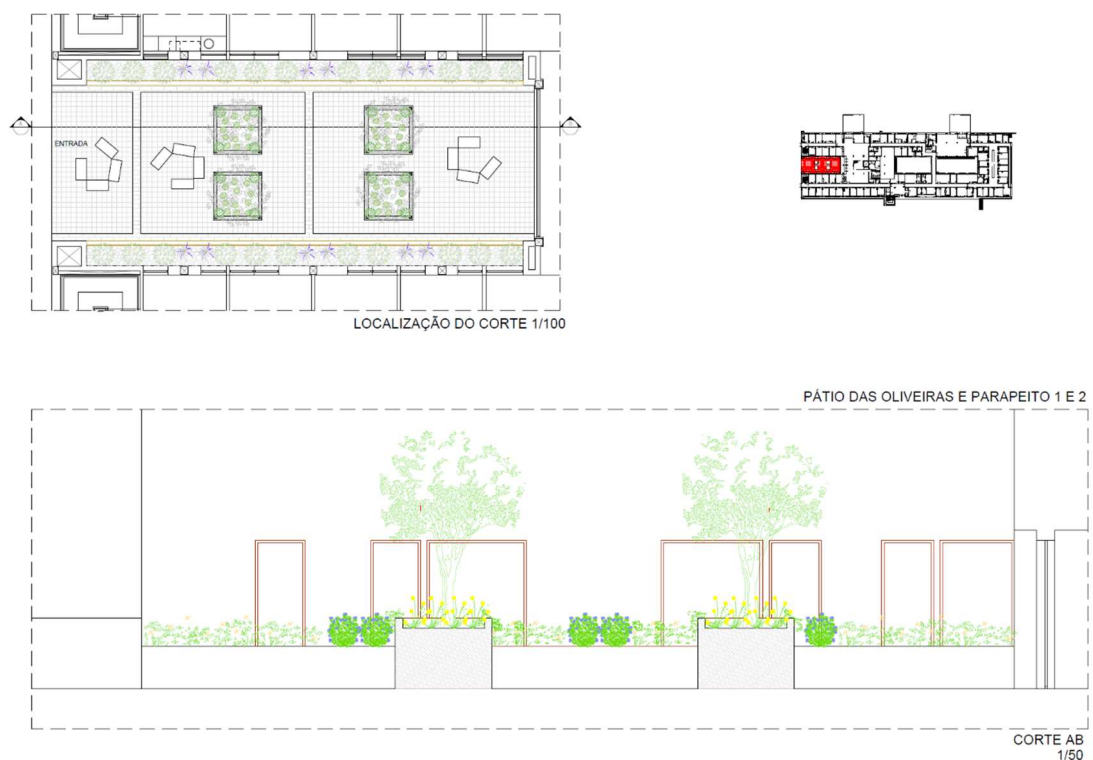


Figura 4.35 - Corte do Pátio das Laranjeiras.



Figura 4.36 - Corte do Pátio dos Medronheiros.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de requalificação dos pátios do Centro de Saúde de Portimão, aqui apresentada, assentou nos pressupostos previstos, no que concerne aos princípios de economia de água, e reformulou-se as espécies plantadas atendendo às exigências hídricas. Assim, o conceito de intervenção e a inspiração na recriação de pomares do passado recente, que dominava a área de intervenção e a sua envolvente, cumpre os objetivos de rever o carácter da paisagem do passado, procurando contribuir para relembrar a paisagem perdida quando da construção da unidade de saúde onde estão inseridos os pátios atualmente.

A investigação associada ao projeto consistiu em recolha de bibliografia, incluindo o estudo de jardins terapêuticos e de jardins sensoriais. A primeira fase de desenvolvimento do projeto consistiu num levantamento (trabalho de campo) e caracterização da área de estudo, numa descrição da situação atual dos espaços a intervir, anotando-se o que existia, procurando-se as melhores hipóteses para a concretização do projeto. Paralelamente, procedeu-se a pesquisa sobre plantas para conhecer quais as opções que poderiam satisfazer melhor os interesses da população servida pelo centro de saúde e dos profissionais que aí trabalham. A intenção foi materializar espaços para a sua saúde e bem-estar de acordo com as ideias defendidas pelos conhecimentos, teorias e soluções da arquitetura paisagista. O desenvolvimento subsequente do projeto, incorporando devidamente esta informação, seguiu as fases respetivas de desenvolvimento do projeto, até à elaboração do projeto de execução.

O projeto de Arquitetura Paisagista em espaços muito reduzidos, limitados por estruturas edificadas, e fortemente condicionantes, torna uma pequena modificação proporcionada pela Arquitetura Paisagista, numa alteração que assume uma expressão notória. Este facto aliado ao de se ter passado algum tempo entre o desenvolvimento do Estudo Prévio e o início da elaboração do projeto de Execução, levou a algumas alterações do Estudo Prévio. A opção do projeto de desenho e forma simples, revela uma certa dependência da parte da Arquitetura Paisagista perante a Arquitetura e as outras especialidades, o que tornou o projeto mais demorado (do que se houvesse uma independência total). Em compensação, estes factos proporcionaram uma maior diversidade no design do espaço. Sendo, atualmente, os pátios espaços expectantes entre o edificado e alguns corredores de passagem, com carência de elementos vivos, espera-se que a proposta cumpra, para além das funções de passagem, também

as de estadia, estéticas, aromáticas e recreativas, que contribuam para o bem-estar físico e mental dos frequentadores destes recintos ajardinados com espécies, na sua maioria, autóctones.

Procurando minimizar o efeito da volumetria do conjunto edificado surgem as formas, as texturas dos elementos vivos, as cores vivas a contrastar com o branco das paredes e o envidraçado das janelas, de modo a quebrar a regularidade e estaticismo inerentes à forma retangular do edificado envolvente, sempre presente. A dinâmica e o movimento encontram-se nas formas, texturas e cores investidas na vegetação, estabelecida num jogo de variação de diferentes espécies arbóreas, arbustivas, trepadeiras e herbáceas.

A proposta de requalificação paisagística de pátios interiores e parapeitos do centro de saúde, apresentada neste relatório, espera-se ter cumprido os objetivos de recriar parte da paisagem rural tradicional do passado recente, de cumprir as funções estéticas (através das cores, aromas e arranjos da vegetação) e recreativas (com a criação de espaços de lazer, com a introdução de mobiliário urbano adequado) nestes espaços localizados em contexto urbano. Espera-se também que a requalificação dos pátios do centro de saúde funcione como filtro de ar e de ruído, cumprindo funções ambientais melhorando a qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos. Deste modo, espera-se que a implementação da proposta na área de estudo seja uma mais-valia para a unidade de saúde, que passará a usufruir de novos espaços verdes funcionais para recreio e lazer, apelativos e convidativos à presença das pessoas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Nunes e outros (2011). Impactos Positivos da Adopção de Práticas Sustentáveis. Revista dos Tribunais Ética e Gestão por um Crescimento Sustentável XIV SEG e T Simpósio (consultado a 17 Nov. 2019). Disponível em [www.aedb.br](http://www.aedb.br)
- Beldade. (2014) - As Plantas e o Bem-Estar Humano em Ambientes Extremos, Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, FCT, Universidade do Algarve.
- Gonçalves. (2014) Cuidadores Informais e o Papel do Médico de Família. Mestrado Integrado de Medicina. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. (consultado a 18 Nov. 2019). Disponibilidade e acesso em <http://hdl.handle.net/10316/30960>
- Sousa. (2016) Jardins Terapêuticos em Unidades de Saúde. Dissertação em Arquitectura Paisagista. Instituto Superior de Agronomia Universidade de Lisboa (consultado a 20 Nov. 2019). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/13093>
- Bizarro Joana, (2019). Requalificação Paisagística de uma zona verde na cidade de Sines entre o Terminal de granéis líquidos e o porto de pesca, Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista, Universidade do Algarve. Consultado em: 20/01/2023. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/15089/1/Relat%c3%b3rio%20de%20Projeto%20-%20Joana%20Bizarro.pdf>

### SITES DA INTERNET CONSULTADOS

- <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia>
- <https://repositorio.ul.pt>
- <https://estudogeral.sib.uc.pt>
- <https://blog.plantei.com.br/cravina-aprenda-a-cultivar/>
- <https://www.arsalgarve.min-saude.pt/noticias/cm-portimao.pt>
- <http://www.jf-portimao.pt/freguesia.aspx>
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portim%C3%A3o>
- <https://www.vagamundos.pt/visitar-portimao-roteiro/>
- <http://www.monumentos.gov.pt>